



---

## **O Carcereiro e o Prisioneiro**

---

Evan do Carmo



*2 DE AGOSTO DE 2022*

*EDITORA DO CARMO*

*BRASÍLIA-DF*

O carcereiro e o Prisioneiro

**Dados Internacionais de Catalogação na  
Publicação (CIP)**

**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

<p>Carmo, Evan do O carcereiro e o prisioneiro / Evan do Carmo. -- 1. ed. -- Brasília, DF : Ed. do Autor, 2022. ISBN 978-65-00-50466-8 1. Ficção brasileira I. Título.</p> <p>22-122343 CDD-B869.3</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção : Literatura brasileira  
B869.3

Aline Grazielle Benitez -  
Bibliotecária - CRB-1/3129

Uma mente livre de todas as formas de prisão, é um farol para este mundo de trevas de ignorância. Apenas na arte é possível reconhecer a alma plena do artista, pois toda arte e criação é a síntese do seu criador.

Evan do Carmo

"Quanto a tudo que faz mal ao ser humano e à alma do planeta, eu continuo neutro. Não um neutro ativista, pois cada um deve colher o fruto da semente que plantar."

Evan do Carmo

*"Para produzir algo de valor o homem deve fugir  
das paixões."*

## Sumário

Prefácio .....	9
Síntese.....	12
Nota do autor.....	14
Capítulo um.....	16
Capítulo dois .....	29
Capítulo três.....	32
Capítulo cinco.....	39
Capítulo sete .....	56
Capítulo oito.....	78
Capítulo nove .....	88
O delírio.....	109

“É melhor fracassar pela originalidade do que ser bem-sucedido com a imitação.”

Herman Melville

"As inimitáveis tragédias de Racine foram todas criticadas, e pessimamente: porque as criticaram rivais. Certo, os artistas são juízes de arte competentes, porém quase sempre lhes falta integridade."

*Voltaire*

## Prefácio

Este livro, intitulado "O Carcereiro e o Prisioneiro," é uma obra primorosa de Evan do Carmo. Nesta narrativa moderna, o autor nos conduz por uma ficção cuidadosamente elaborada, lúcida e coerente, atenta às demandas contemporâneas de uma sociedade organizada e consciente. Evan não se furta a dizer o que precisa ser dito, utilizando sua arte para expor injustiças e denunciar possíveis abusos por parte das autoridades de nosso tempo.

Ao criar uma trama completamente fruto de sua inventividade, ele nos cativa desde o início até o desfecho, com diálogos bem construídos, sem exageros, ao mesmo tempo que desconstrói pilares da realidade para erguer sua singular caverna ficcional.

A cela em que a maior parte da história se passa nos remete a tantas outras realidades vividas por homens especiais em todo o mundo. É um cenário que, embora seja uma criação do autor, nos faz refletir sobre outras formas de privação da liberdade, especialmente a liberdade de expressão.

Evan do Carmo, com seu vasto conhecimento sobre o mundo e a cultura universal, enriquece a cultura nacional, indicando autores consagrados e sugerindo leituras relevantes. Ao longo da narrativa, é possível que o leitor se sinta imerso em noticiários e jornais, o que evidencia o domínio do autor sobre seu ofício de jornalista, ao mesclar de maneira fluída e natural a realidade e a ficção.

A fusão entre ficção e realidade é feita de forma consciente, acrescentando camadas de profundidade à trama. O desfecho da história é marcado pela originalidade e surpresa, escapando de clichês e surpreendendo o leitor que, de certa forma, já imaginava o final ideal para essa jornada.

Evan do Carmo envolve o leitor de maneira magistral, utilizando por vezes recursos literários tradicionais e simples, o que só é possível para um escritor maduro e experiente, que se dedica diariamente ao ofício de escrever.

Com maestria, Evan de Castro nos entrega uma obra que nos faz questionar e refletir sobre diversos aspectos da sociedade contemporânea, ao mesmo

O carcereiro e o Prisioneiro

tempo que nos transporta para um mundo ficcional repleto de emoção e intensidade.

*Emil de Castro*

## Síntese

O prefácio é a síntese de uma obra, apresentando o autor e dando uma breve ideia do que será desenvolvido ao longo do livro "O Carcereiro e o Prisioneiro," de Evan do Carmo. Ao ler esse prefácio, o leitor terá a oportunidade de perceber não apenas quem é o autor, mas também apreciar sua arte e os recursos que ele utiliza para construir cada trama.

Embora a obra seja ficção, é importante que o leitor atente-se para não se deixar levar pelas comparações com acontecimentos reais. É natural sentir-se familiarizado com certos temas, pois o autor habilmente cria uma atmosfera que permeia entre o real e o fictício, despertando a capacidade do leitor de antever a razão do prisioneiro.

É notável o cuidado do autor na elaboração de sua obra, mostrando o domínio de alguém que está nessa jornada literária há muito tempo.

Ao depararmos com uma leitura criativa, rica em argumentos e que nos remete ao cotidiano, é comum sentirmos indignação diante de injustiças sofridas pelo prisioneiro. Essa reflexão nos faz questionar o destino do detento e esperar que a justiça seja corrigida em algum momento, restituindo-lhe seus direitos outorgados.

A literatura tem o poder de proporcionar esperança, e é exatamente isso que faz com que o prisioneiro encontre em seu carcereiro uma válvula de escape, ou até mesmo um subterfúgio. Essa relação lembra a história do Conde de Monte Cristo, que encontrou alguém com quem compartilhar suas angústias na cela vizinha.

Assim, através dessa obra bem elaborada, Evan do Carmo nos presenteia com uma narrativa que nos envolve e nos faz refletir sobre os dilemas da vida, oferecendo-nos o poder transformador da literatura.

Tony Silva - 01-09-2022 - JHS

## Nota do autor

Este livro que agora coloco em tuas mãos é um romance psicológico onde imprimo algumas das impressões do mundo em que vivo. Há um mundo paralelo, implícito, que talvez nem seja tão implícito assim. Fazer do imaginário nossa realidade é uma exigência existencial, não somente para um poeta escritor, mas uma premissa inerente ao ser humano. Encontramos, fora do mundo dito real, substâncias que nos alimentam, pois não temos total domínio da administração do caos em que vivemos, sobretudo diante das ações imprevistas que o mundo real nos impõe. A fuga, nosso lugar de fala, é a poesia, para aqueles que são poetas. Já os que consomem a arte, encontram na poesia, em todas as formas de cultura, um universo de refúgio do peso diário do mundo.

Este romance é inédito para mim, não apenas no que diz respeito à sua existência, mas também na sua forma de se apresentar ao mundo. A ideia de colocar um prisioneiro em uma prisão incomum surgiu sem nenhuma interferência externa; ela veio de dentro

para fora. Nessa obra, dificilmente encontraremos semelhança com outras de cunho similar. A forma como escrevi, transita entre a ficção e a realidade, revela e comprova o que já foi dito: os dois universos não podem existir separadamente.

Assim, convido-te a adentrar nessa jornada singular, onde a mente se permite explorar o inexplorado e onde a poesia e a realidade se entrelaçam em uma dança única e encantadora. Que esse romance possa ser um convite para que mergulhes em reflexões e questionamentos sobre o mundo que nos cerca, levando-te a encontrar tua própria verdade nas palavras que compartilho aqui.

*Evan do Carmo*

## Capítulo um

Um homem foi preso, julgado e levado para cumprir uma longa pena em um presídio federal. A culpa não seria discutida, pois a justiça já havia determinado sua pena. No entanto, sempre há controvérsia sobre a razão da prisão e da pena tão longa. O que sabemos é que foi condenado por questões ideológicas. Por isso, a justiça sempre será, nestes casos, subjetiva. Outra coisa que sabemos é que o homem tem idade entre 50 a 60 anos.

Ao chegar na prisão especial, o homem foi levado para sua cela de número 30. Antes, porém, foi apresentado ao carcereiro, o homem que agora seria sua única companhia. O carcereiro foi gentil e amigável, profissionalmente receptível e disse:

— Seja bem-vindo, aqui você será muito bem tratado, não costumamos maltratar os nossos prisioneiros.

— Obrigado, mas não sei o que dizer sobre isso. Sou inocente. Contudo, fui condenado a uma longa prisão.

— Calma, logo vai perceber que esta questão de inocente ou culpado é só um ponto de vista.

O prisioneiro consente com a cabeça e entra na cela. O carcereiro fecha a porta e sai sem dizer mais nada.

A noite foi longa, o homem preso não dormiu um minuto sequer. Teve pesadelos horríveis, onde era torturado pelo gentil carcereiro. No entanto, ao levantar, enquanto escovava os dentes no pequeno banheiro, ouviu alguém bater na porta.

— Bom dia. - Disse a voz de quem batia na porta.

O carcereiro abre a porta e entra com o café do prisioneiro novato.

— Já vou. - Responde o prisioneiro.

— Trouxe o seu café, isso não é comum, mas pediram-me para trazer, pessoalmente, o seu café, acho que é bônus de boas-vindas.

— Obrigado, realmente eu não esperava por isso. Deve ser mesmo alguém pagando alguma promessa, nunca ouvi falar que mesmo em uma prisão especial houvesse um tratamento desta natureza. Isso me fez lembrar de algo que li, faz algum tempo, sobre como alguém poderia suportar a pressão, o peso de uma prisão longa.

— Então o que leu? Perguntou o carcereiro demonstrando muito interesse na resposta do prisioneiro.

— Tolice. Diz o prisioneiro, com um breve sorriso imprevisto. Não era hora de contar piadas, sobretudo não tinha intimidade necessária para isso. Então se senta na cama e toma seu café reforçado, um tanto incomum, em se tratando de um prisioneiro político do seu nível. O carcereiro vai embora sem insistir para

saber a resposta, entendeu o silêncio e a discrição do prisioneiro novato.

Eram sete horas da manhã, e o prisioneiro, depois do café só pensava em o que iria fazer durante o dia todo, em uma cela de 4 metros e um pequeno banheiro. Sem TV ou rádio, sem nenhum livro. Como ocupar a mente para não enlouquecer?

O prisioneiro passou o dia inquieto e confuso, seu primeiro dia na prisão, pensando sobre o que disse o carcereiro.

“Logo você vai perceber que esta ideia de culpado ou inocente é apenas um ponto de vista.”

Além da prisão, havia o fator psicológico que agravava a sua situação. Dizem que todo preso se acha inocente, a pressão emocional causada pelo isolamento faz as pessoas se desesperarem, e esquecerem o senso de justiça. Pois a punição sempre parece exagerada. Mas o caso em questão parece ser distinto. Um prisioneiro político que não seja um ditador assassino, talvez tenha grandes motivos para se achar inocente, ainda mais quando condenado a uma prisão tão longa.

O tempo passa arrastado quando estamos à toa. A manhã lhe pareceu uma semana, mas ao meio-dia em ponto, alguém bateu na porta, e em seguida, entra o carcereiro com seu almoço.

— Boa tarde, como passou a manhã? Pergunta o homem gentil, que atuava em um posto tão impróprio para se praticar gentilezas, para demonstrar empatia.

— Bem. Responde o prisioneiro, triste e visivelmente afetado com sua nova situação. Um homem público que sempre viveu cercado por pessoas, agora sendo tratado como um animal de estimação. Com um cuidador gentil, até certo ponto bondoso, mas que nada faz além de lhe trazer “pão e água” para sua sobrevivência.

— Anime-se, a vida não acabou, estar preso tem lá suas vantagens.

— Que vantagens há em viver isolado do mundo? Você poderia, por favor, descrever a lista de vantagens? Quem sabe assim eu possa encontrar algum sentido em tudo isso.

— Não sei alistar, mas no meu caso, que vivo aqui também numa espécie de prisão, cito como uma vantagem, o fato de eu ter bastante tempo para conhecer as pessoas com quem convivo. São poucas, é fato, mas o tempo que me resta eu aproveito para viajar.

— Viajar? Como assim? Acabou de falar que vive aqui como que preso. Como pode viajar?

— Deixe-me explicar. Trabalho aqui há décadas, não tenho parente próximo, então aprendi a gostar, talvez suportar a minha vida de isolamento social. Quanto a viajar, eu viajo nas asas dos livros que tenho à minha disposição.

— Livros? Viajar por meio de leitura não é a mesma coisa. No meu caso, nem livros permitiram-me trazer. Dizem os meus juízes que foi justamente os livros que me trouxeram para prisão.

— Então conte-me, quais foram os livros tão perigosos que lhe botaram na prisão?

— Isso é pura tolice. Sou professor e poeta, meu saber poético, e os meus livros favoritos nunca fizeram-me nenhum mal. Mas minha profissão sim, foi em sala de aula que desenvolvi meu interesse por política.

Fui condenado por defender o direito à educação para todos. O país se tornou um caos com o atual governo. Muitos professores e intelectuais foram perseguidos, outros foram mortos, e outros, como eu, condenados à prisão por um longo tempo. Estamos vivendo o ressurgimento do neofascismo no mundo, e aqui neste imenso país surge um tipo de ideologia nova, com uma política ainda mais cruel, do que todas as outras já usadas pelo fascismo no mundo. Pois temos um país democrático, que do nada, pelo menos uma grande parte dos seus cidadãos resolveu aceitar e até implorar por um ditador, aos moldes de Hitler.

Quem for de esquerda ou contra o governo, será perseguido, morto ou, nas melhores circunstâncias, exilado. Fui preso e julgado sem direito a uma defesa justa, e como eu, vários intelectuais estão sendo perseguidos, cerceados. A imprensa, antes livre, está

sob fogo cruzado, e a outra parte da mídia, diria a maioria, comprada para calar diante dos abusos que o estado tem praticado. Você não tem opinião a respeito?

— Não, na verdade, eu não gosto de política, nem de futebol. Penso que minha posição nesta área, seja em prol ou contrária, não tem nenhuma real importância. O Mundo é fruto do caos, e quem somos nós - poeira da poeira, que poder temos para mudar o mundo? Sempre busquei ser neutro, ou pelo menos mais comedido do que os outros homens. Penso que há vida além da política, das mulheres e do futebol.

Arthur Schopenhauer conta que sempre que se sentava num bar, ele pegava uma moeda de 20 marcos e colocava sobre a mesa, dizendo para si: "Se a conversa destes homens que sentam ao meu lado não girar em torno de cavalos, mulheres e política, então eu darei esta moeda para o garçom." Fez isso por 20 anos e nunca ficou sem sua moeda.

— Meu caro carcereiro, há quem diga que ser neutro é o mesmo que ser cúmplice das injustiças observadas. Além disso, como pessoas racionais, temos

a obrigação moral de tentar melhorar as condições do mundo.

— Pode ser que tenhas razão, no entanto, eu prefiro viver minha vida calma, pacata, sem correr riscos como o senhor correu e veio parar aqui.

— Respeito a sua posição, contudo não aceito atitudes como a sua. A omissão também é crime. Se ficamos calados, se não reagimos contra a injustiça, contribuímos para que as coisas só piorem a cada dia. Em um mundo civilizado, o ideal seria que todos pudessem ter voz, ter direito a dizer o que pensa, defender suas crenças, aquilo em que acredita. Eu continuo acreditando que toda luta travada até agora para promover a igualdade de direitos entre os homens, mesmo com alguns prejuízos, foi válida. Muitos como eu foram presos, silenciados, mas seus nomes e suas lutas não serão esquecidos, ainda viverão como chamas acesas eternamente.

— Perdoe-me, mas eu preciso ir ver outros assuntos. Depois falamos mais sobre isso. Diz o carcereiro, um pouco inquieto com os fortes argumentos do seu prisioneiro novato e loquaz.

Ao ficar outra vez sozinho, pensa o prisioneiro: "Pelo menos tenho este homem, que embora simples, parece ter paciência para me ouvir."

A tarde será longa. Preso com seus pensamentos, o prisioneiro tenta se conter, limpar a mente, esquecer por algum tempo toda sua angústia e revolta justa.

"Eu devo ficar louco muito cedo, daqui a pouco vou começar a falar sozinho. Na verdade, já estou, pois quando penso, falo coisas inaudíveis que só eu escuto. Se pelo menos pudesse ouvir Beethoven, mas dizem que quem pensa com muita força pode realizar, então doravante viverei apenas em pensamentos, todos os meus vícios e prazeres serão no universo da imaginação."

De fato, o pensamento tem muita força e poder para aliviar um pouco o sofrimento. Imaginar-se livre quando na verdade estamos privados de toda liberdade pode até funcionar como num sonho. Mas o problema é que quando sonhamos, estamos dormindo, não conseguimos, sem uso de drogas, prolongar nosso

sonho; sendo assim, todo sonho termina uma hora, e estar acordado, neste caso, é viver um pesadelo constante.

Somos o que pensamos. Bons pensamentos, boas palavras, boas ações. Por isso, seremos eternos enquanto acreditarmos ser, e somos mortais se não aprendemos a pensar e alimentar nosso desejo de vida, não de morte.

Morremos quando esquecemos de viver. Viver é desejar sempre mais, a eternidade é uma possibilidade para os que nela acreditam.

A tese em questão pode ser provada com fatos existentes e fatos reais em desenvolvimento. Estamos dentro de uma onda magnética produzida por todos os seres racionais. Quem pensa em criar pode fazê-lo, uma vez que a lembrança arquivada pode ser revisitada para produzir novos eventos, outras obras.

A mente suprema, a força cósmica divina, é o princípio de tudo; tudo o que há é obra do pensamento ativo do amor que embeleza o que cria. Por isso, este planeta é tão estupendamente belo, assim como todos

os outros mundos, constelações e galáxias, estrelas e sóis diversos, que formam a obra criativa de um pensamento imaculado e perfeito em amor, incansavelmente ativo.

O grande evento criativo deu-se na hora em que a razão se instalou na mente, produzindo o milagre do pensamento. A partir daí, tudo nos será possível. A teoria do nada, a ideia de um princípio, é a base para criarmos tudo o que quisermos viver, ter, usufruir.

Viver é existir, primeiramente no universo da imaginação. Contudo, se realmente desejamos com a força de um criador, de um deus, de um artista que ama sua obra e quer mostrá-la ao mundo, então nossa imaginação pode se tornar realidade.

O paraíso perdido era perfeito em beleza e nas atitudes dos que ali viviam. Até os animais podiam viver em harmonia. No entanto, um pensamento fora do contexto harmônico e pacífico do seu criador transformou o que era perfeito em desordem, imperfeição e decadência. Traga para o campo mental da sua realidade de vida. Em que lugar você habita? Na perfeição harmônica do amor ou na imperfeição do

ódio e do egoísmo? A resposta será pessoal, mas o resultado é natural, simples e irrefutável: Inferno ou paraíso.

## Capítulo dois

A noite chega mais uma vez, sua segunda noite no inferno. Inferno é apenas um símbolo frágil do que representa uma temporada longa, e no seu caso, uma eternidade. O que é a eternidade para quem não tem esperança de liberdade antes de sua morte? Palavra humana inventada por quem jamais saberá do que se trata. Uma eternidade é aquilo que não se altera, e no seu caso, a prisão injusta é de fato sua única noção de eternidade, longe de qualquer ideia de metafísica.

Já eram oito horas da noite quando o carcereiro entra, desta vez sem bater na porta, para lhe trazer seu jantar.

— Boa noite, meu caro professor. - Diz o carcereiro, com um riso frouxo no rosto.

— Boa noite. Já é o meu jantar? Não sabia que eu tinha direito a comer três vezes por dia. - Responde o prisioneiro.

— Sim, comida três vezes por dia é o mínimo que um ser humano, preso ou não, deve receber.

— Quer dizer que, pelo menos nisso ambos concordamos?

— Claro, e não é preciso ser ativista social para compreender esta necessidade humana. Comer, pelo menos para sobreviver, deve ser um direito irrevogável.

— Obrigado, pelo tratamento humano a mim despendido. A janta pode deixar aí, mais tarde como, se tiver fome. Desculpe o uso arcaico da palavra para descrever o tempo gasto para me servir.

— Não há de que se desculpar, meu caro professor, é um prazer para mim poder servir, na verdade estou fazendo apenas a minha obrigação. Ah, ia me esquecendo. Trouxe-lhe algo.

O carcereiro pôs a mão no bolso da jaqueta e tirou um livro pequeno. Uma edição rara do romance de Dostoiévski, "Crime e Castigo."

— Este livro é uma relíquia, eu o tenho há muitos anos. Foi um presente de outro preso, que morreu nessa cela, nesta prisão, pelo mesmo motivo que lhe trouxe para cá. Pode ficar, ninguém sabe que eu tenho livros proibidos pelo estado. Pode ler e guardar, em baixo da sua cama tem um esconderijo, basta remover uma parte do piso, que vai encontrar uma caixa, só eu sei sobre este lugar... Então leia e sempre que perceber que vai chegar alguém, o esconda. Assim vai ter algo com que se entreter.

— Muito obrigado. Rer ler esta obra pode me ajudar a entender minha triste situação. No entanto, eu, ao contrário do protagonista da obra, não sou culpado.

— Lá vem você outra vez com esta inútil observação sobre ser ou não culpado. Esqueça isso, o que importa argumentar se não tem como reverter sua condenação? Procure focar em se manter lúcido, e vamos torcer para que o governo atual caia. Ele caindo, provavelmente você receberá anistia e será solto. Seja positivo e esperançoso, é isso que deve sustentar sua vida por aqui.

## Capítulo três

O carcereiro saiu e o prisioneiro voltou aos seus pensamentos. "O que este homem quer comigo? Por que insiste em me animar, o que tem a ganhar com isso?"

O dia ia findando, bastava dormir e logo chegaria outro dia. Mas como deve ser o sono de quem está preso, ainda mais quando não se acha culpado? O prisioneiro senta na cama e olha a capa do livro. Ele sabe todo o conteúdo da obra, relembra pontos altos do romance, sobretudo a angústia do protagonista na prisão, e pensa: "Agora entendo o que ele passou."

Fecha o livro e pega a marmita com o seu jantar já frio. Come algumas colheradas e joga a marmita na parede. Sua irritação demonstra que seu nível de estresse já estava chegando no limite, e isso para ele, que era um homem racional ao extremo, denotava quão fragilizado se encontrava.

Na verdade, ter ele ganhado o livro do carcereiro parecia, a princípio, algo bom, contudo, a atmosfera do

mundo ficcional de Dostoiévski não seria, no momento, o que ele precisava. Não sabemos, mas é provável que ele evite sua leitura, pelo menos por enquanto. Durante a noite, teve pesadelos novamente, com o carcereiro lhe torturando. Seria esta tortura algo real, ou apenas psicológica? Afinal, seu carcereiro parecia bom demais para ser real. Talvez já se registrara em sua mente a sutil ironia do seu novo amigo. Mas o fato dele repetir que ele não devia ficar argumentando sua inocência, no fundo queria dizer alguma coisa. Era certo que o carcereiro não o considerava um homem perigoso, também não sabia da sua real situação, dos detalhes de sua condenação. Mas durante a noite, em seus pesadelos, ele tinha outra noção da bondade imprevista do carcereiro. Quando acordava agitado com as chicotadas do seu algoz imaginário, ele se punha a pensar, que a qualquer hora se revelaria a conduta secreta do carcereiro gentil.

À noite, depois da meia-noite, o carcereiro bate à porta e entra, e encontra o prisioneiro entre a sonolência e o pesadelo. Senta-se ao lado da cama, em uma cadeira:

— Boa noite, como está? Vim te ver, notei que você não está nada bem. Soube que jogou a marmita com seu jantar contra a parede. Preciso lhe dizer que, se não se acalmar, vai complicar sua vida aqui dentro. Aqui tem outras pessoas que, ao contrário de mim, não gostam de prisioneiros nervosos. Se eu fosse você, me acalmaria, afinal de contas sua estada aqui será bem longa. Precisa se conter. Depois, ficar nervoso não vai diminuir sua pena.

— Isso é algum tipo de piada ou uma ameaça? Sobre minha pena, sei que não pode ser alterada, então meu comportamento não interfere na sua duração. Depois eu não gosto de mistério, pode me dizer quem são estas outras pessoas que acabou de citar?

— Não é preciso saber, pelo menos por enquanto. Eu, de fato, me preocupo com você, e se estou lhe dando este conselho é para o seu bem. Precisa confiar em mim, não sou seu inimigo. Vim aqui para lhe avisar que amanhã eu não estarei por aqui, então quem vai trazer a sua comida será outra pessoa.

— Outra pessoa? Posso saber de quem se trata?

— Amanhã saberá.

O carcereiro foi embora e deixou a cabeça do prisioneiro em pior estado do que quando entrou. Quem podem ser essas outras pessoas?

E quem será a outra pessoa que vai lhe trazer a comida no dia seguinte? Na cabeça de um preso, tudo pode parecer importante, até mesmo a mudança do serviço prestado pelo carcereiro. Na verdade, é possível que ele pense que o sonho onde era torturado pelo carcereiro gentil, de fato, se realize com seu substituto.

Capítulo quatro

Na manhã seguinte, a mesma rotina. O prisioneiro acordou com o barulho que vinha das outras celas. A noite havia sido cheia de confusão mental, e a visita do carcereiro agora não parecia ter sido real, ele se lembrava apenas de ouvir o carcereiro dizer que não traria seu café da manhã, que outra pessoa o faria, mas não estava muito certo de que não foi apenas um sonho. Restava-lhe apenas viver com a dúvida até que alguém chegasse com seu café matinal.

Após escovar os dentes, o prisioneiro sentou-se na cadeira, junto à mesa, e aguardou o café e, quem sabe, a outra pessoa que tanto lhe despertara curiosidade. Mas o café nem a pessoa chegou na hora esperada, às oito da manhã. O prisioneiro escutou ao lado uma voz feminina que parecia sair da cela vizinha à sua. Já eram nove horas quando bateram na porta. Desta vez, quem abriu a porta foi o prisioneiro, pois a mesma dormira aberta, apenas encostada. Mas ao adentrar à cela, o café tão esperado, quem veio junto, de fato, foi outra pessoa. Era uma mulher vestida com a mesma roupa do carcereiro, mantendo o cabelo longo preso com um boné vermelho. Surpreso, fitou-a nos olhos e pôde ver que ela tinha olhos azuis. A boca, não pôde ver, pois a mulher usava uma máscara, também vermelha. Enquanto colocava o café na mesa, sem dizer bom dia, o prisioneiro imaginou estar sonhando. Mas o café cheirava, logo raciocinou que sonho não podia ser, então ele se adiantou e disse:

— Bom dia. Estou um tanto surpreso, não esperava ser visitado por uma mulher, mesmo que fosse para trazer-me um café.

— Bom dia, professor. Eu sou uma substituta, sempre estou cobrindo a falta de alguém, especialmente dos homens. Existem trinta celas aqui, e trinta carcereiros, desta forma, cubro a falta de todos, não raro eu cubro a ausência deles, um dia para um, outro dia para outro. Não estranhe, isso pode se repetir outras vezes, pelo menos uma vez por mês.

Se a mulher era bonita, ainda não sabemos, pois a roupa masculina que usava não permitia que seus atributos físicos fossem revelados. Mas o prisioneiro ficou impressionado com a elegância dos gestos da mulher carcereira. Contudo, a visita foi muito rápida, logo que deixou o café, a mulher foi embora sem dizer nada. Fato que estranhou ainda mais nosso prisioneiro. Todavia, segundo o que ouvira do carcereiro, a mesma mulher devia voltar com seu almoço, quem sabe então poderia conseguir um diálogo mais amistoso.

Olhos azuis, máscara vermelha, quanto simbolismo. Deixemos que os freudianos os decifrem. A máscara remete a algo muito significativo que ocorreu no mundo, mas como nosso romance não pretende ser autoexplicativo, ficamos por aqui, com as indicações mais sutis e necessárias. Nosso prisioneiro, como todo

homem preso, se encontra sem rumo, sem ninho, não pertence a lugar nenhum, apenas existe na memória. Contudo, pertencer é habitar, é fazer parte. Mas pertencer é mais do que estar presente como ornato. Pertencer é compor, no sentido pleno, ser coautor de uma obra em movimento. Primeiro eu me pertencço, habito este universo chamado eu. Sou dono de mim, obra em construção, sendo autor único, posso alterar o curso do projeto da minha vida. Mas um homem preso não pertence a nada nem a si mesmo

## Capítulo cinco

Ao meio-dia, como era de se esperar, a carcereira voltou à cela de número 30, onde nosso prisioneiro duvidava que fosse realidade, que uma mulher, aparentemente bela, fosse designada, não se sabe por quem, para servi-lo por um dia na ausência do carcereiro titular. Contudo, neste teatro do absurdo, nada que viesse a acontecer nesta ficção histórica contemporânea poderia ser encarado como impossível.

— Boa tarde. — Diz a mulher que lhe trazia o almoço. — O senhor está bem? — Pergunta a mulher de olhos azuis.

— Estou bem, obrigado. Não estou com fome, mas você pode deixar aí em cima da mesa, que logo mais eu como.

O prisioneiro foi seco, e não esperava que a mulher fosse além do seu cumprimento trivial. Então, enquanto aguardava ela sair, ficou olhando para o chão. Mas foi surpreendido com uma pergunta:

— O senhor pode me dizer por que está tão exausto, parece muito triste, desanimado.

— Estou tão mal assim?

— Sim. É bem visível o seu estado emocional.

— Qual é o seu nome? Minha cara carcereira mascarada.

— Desculpa, mas não estou autorizada a identificar-me. Peço desculpa, mas não posso falar meu nome. É melhor para nós dois que o senhor não saiba o meu nome.

— Tudo bem. Mas pode me responder outra pergunta?

— Sim, se possível, responderei.

— Por que usa máscara?

— A máscara faz parte justamente da necessidade de manter minha identidade oculta. Ou seja, você me fez outra pergunta que eu lamento não poder dar detalhes.

— Está bem, vou me contentar com sua presença enigmática. Obrigado por me dar atenção. Ah, depois podemos falar um pouco sobre seu trabalho de carcereira substituta?

— Sem problemas, logo mais, à noite, eu tenho mais tempo. Quando trouxer o seu jantar, talvez possamos conversar um pouco mais, sobre qualquer assunto, que não seja para revelar minha identidade.

— Eu agradeço, você não tem ideia de como conversar, mesmo que seja por um minuto, para alguém na minha condição, é importante.

— Então, até mais ver.

Com isso, a carcereira vai embora, e o prisioneiro fica esperançoso de que logo mais à noite terá uma boa conversa com a mulher dos olhos azuis. "Olhos azuis", pensa ele, "eu vi os olhos dela quando disse que teria prazer em voltar a conversar comigo. Não sei se estou fantasiando, mas ela me pareceu sorrir. Será que está interessada em dar atenção, mesmo que seja por piedade, a um cão condenado como eu?"

No campo das ideias, no universo do pensamento, tudo pode acontecer. Mas as reações de um prisioneiro não podem ser levadas em conta; é possível que qualquer homem em seu lugar viesse a se apegar a qualquer fio de Ariadne. A mitologia de Ariadne é o melhor símbolo para descrever os efeitos psicológicos de uma prisão. Então essa mulher será para nosso prisioneiro a síntese da esperança de liberdade. Talvez ele nem a veja assim, pois afinal, ele é um homem em cárcere privado, privado dos seus melhores sentidos, e por isso, não será capaz de usar a inteligência emocional para preservar a sua lucidez, com auxílio da amizade que será desenvolvida entre os dois. Vamos acompanhar seu novo encontro com Ariadne. A mulher de olhos azuis, de máscara e boné vermelho.

A porta se abre, e mais uma vez ele vislumbra a mesma imagem de perfeição estética. Um corpo feminino, com todos os seus melhores atributos, inserido em um macacão masculino. Ele já sentia o perfume dela, saberia identificá-lo até no meio de uma multidão.

— Boa noite, professor. — Diz a mulher com uma marmitta nas mãos, com a janta do prisioneiro.

— Boa noite, minha carcereira. Vou te chamar assim, já que não posso saber seu nome.

— Tudo bem. Assim está muito bom. Mas tenho algo para você, além da sua comida, é claro.

— Que bom, tomara que seja algo realmente bom. Eu não gosto muito de surpresa. Mas acredito que não há nada que possa piorar a minha situação.

— Calma, professor, é algo muito bom. Chegou hoje à tarde. Uma carta para o senhor, não tem remetente, mas deve ser algo bom, alguma notícia importante do mundo exterior, algo que lhe interesse.

— Carta? Como assim? Não tenho parentes lá fora, não nesta cidade. Provavelmente seja de algum companheiro de luta.

— Seja como for, receber uma carta indica que lá fora existe alguém que se preocupa com o senhor.

— Pode ser. Vou guardá-la, e logo mais eu a leio. Agora estou mesmo é com fome, fome de falar com alguém.

Quero saber algumas coisas sobre a prisão. Se for possível, também gostaria de saber mais sobre você.

A mulher riu, mas ele ainda não pôde ver o seu rosto, embora soubesse que ela estava rindo dele. A mulher se senta na cama, e ele na cadeira, em uma posição mais alta do que ela, e começou a olhar para ela com mais fixação, tentando descobrir sua face e a imaginar como seria aquela mulher sem máscara e sem boné, pois sem macacão ele não teria coragem nem de imaginar. Existe uma barreira até no limite do que ele poderia pensar sobre ela. Sua proibidade moral não lhe dava razão para tal delírio erótico.

— Diga-me, o que deseja saber sobre mim? — A mulher devia ter perguntado o que ele desejava saber, primeiro sobre a prisão, pois foi esta a ordem que o prisioneiro usou, mas ela inverteu.

— Sobre você, pouco ou quase nada eu sei. Diga-me, o que faz aqui de fato, além de substituir seus colegas?

— Sou enfermeira e fui contratada para cuidar de pequenas e eventuais emergências dentro da prisão,

mas pouco sou usada como tal. Por isso, para ganhar um pouco mais, eu me ofereci como carcereira substituta.

— Enfermeira! Que significativa profissão, especialmente dentro de uma prisão como esta. Outro dia tive um início de febre, pensei que não teria esse luxo aqui dentro. Mas a febre passou logo, acredito que era só disfunção emocional.

— Se tiver real necessidade, basta apertar a campainha vermelha de emergência, que eu virei. Temos alguns remédios básicos, não será nenhum problema, é esta a minha primeira função aqui na prisão.

"Real necessidade", o que quis dizer a mulher com isso? Será que é a presunção de que nosso probo prisioneiro possa fingir estar doente para atrair a atenção e a presença da mulher em uma hora imprevista?

— Tomara que não seja necessário, nem que só por esse motivo eu possa vê-la outra vez, antes de completar os trinta dias.

— Ou será assim! Ou só de hoje a trinta dias exatos, quando eu estarei outra vez substituindo seu carcereiro oficial.

— Você não acha muito estranho que essa prisão tenha exatamente trinta celas? E ainda mais estranho é o fato de cada prisioneiro ter seu próprio carcereiro. Não é desperdício de mão de obra pública?

— Não! Eu não posso falar sobre isso, estou designada para servir, e não posso tecer comentários sobre a forma do estado administrar essa prisão ou qualquer outra coisa pública. Agora tenho que ir, já está tarde. Desejo que o senhor consiga se adaptar ao seu novo modo de vida.

— Tudo bem, obrigado pelo jantar e por trazer a carta. Desejo que sua vida de carcereira seja boa, dentro das suas expectativas.

— Espero que sim. Boa noite, professor.

Dizendo isso e fechando a porta, a mulher de olhos azuis se foi mais uma vez, deixando o prisioneiro um tanto mais relaxado e, ao mesmo tempo, intrigado

sobre a origem da carta anônima. E sobre a mulher, ele nada de especial descobriu, mas o fato de ter conversado amigavelmente com ela já lhe trouxe uma pontinha de esperança de que a mulher seria uma boa amiga.

Sem mais delongas, ambos saem para o pátio da prisão. O prisioneiro não tinha a menor noção do porte da unidade prisional para onde fora enviado. Ao chegar na área descoberta, o prisioneiro se deparou com uma cena cinematográfica. Várias cadeiras de praia, em volta de uma grande piscina, fazendo um círculo, todos os trinta prisioneiros, em regalo, como se fossem empresários em férias.

Ao lado direito, do outro lado da piscina, ele enxerga a enfermeira cuidando pessoalmente de um dos presos. Desta vez ela vestia um jaleco branco, com sandália e boné vermelho, mas sem a máscara.

Mas ele não consegue ver nitidamente o seu rosto. Não podia ir até ela, pois o carcereiro lhe indicou sua cadeira, numerada com o número 30, número de sua cela. Ele não podia circular na área de

lazer, devia permanecer em seu lugar predefinido pela numeração da cela. O carcereiro sentou-se ao seu lado. A piscina era só para o encantamento dos olhos, nenhum preso poderia tomar banho nela. Como já dito, o banho era apenas de sol.

— Você, o que achou da área de lazer? Pergunta o carcereiro.

— Ainda não tenho uma impressão formulada, só espanto, você deve estar me gozando não? Isso é uma grande piada ou algum tipo moderno de tortura? Uma piscina para se contemplar, tenho minhas dúvidas quanto à intenção de nos fazer tomar banho de sol.

— Meu caro prisioneiro, penso que às vezes você se esquece da sua real situação. Isto é uma prisão modelo, não é qualquer prisioneiro pé de chinelo que é mandado para cumprir pena aqui. Veja, por exemplo, aquele senhor que está recebendo cuidados especiais da nossa enfermeira.

— Estou vendo, o que tem de especial com ele?

— Não o reconhece?

— Não. Apenas notei que tem barbas bem feitas. E se veste com roupa diferente dos outros presos.

— Pois bem, todo sábado nossa enfermeira apara sua barba, lhe dá banho e troca sua roupa.

— Por que só ele tem este tipo de mordomia?

— Vejo que você não tem total ciência dos fatos. Este senhor é ex-presidente, e além dele, temos outras personalidades políticas importantes, como senadores e até ministro de estado, todos condenados por corrupção.

— Realmente eu ainda não entendi por que estou preso junto com pessoas desta natureza. É de fato uma prisão especial, mas sempre achei que o atual governo não seria conivente com esta prática tão antiga em nosso país. Não por ser honesto, coisa que ele não é. Mas pensei que o fato de manter presos por corrupção em prisão especial com tratamento diferenciado fosse coisa do passado. Geralmente ditadores são mais inflexíveis quanto a aceitar suborno de políticos inimigos. Geralmente a corrupção,

as benesses do estado são divididas apenas entre os seus aliados.

— Meu caro professor, sua inocência comove-me, não há este pudor entre homens públicos, sejam eles democratas ou ditadores confessos.

— Lembro-me de uma máxima que tem a ver com a teoria do caos. É assim que me encontro. Quando penso que já vi tudo, surge algo ainda pior.

— Não se iluda, tudo que está ruim pode piorar ainda mais. A escala do caos é infinita.

— Isso mesmo, você deve ter lido o mesmo autor que eu li. A teoria do caos, isso não é bem uma teoria, é um fato. O miserável do Nietzsche formulou com sua própria vida, entrelinhas, esta filosofia da decadência humana, que ele deu o nome de eterno retorno.

— A impressão que tenho é que tanto ele como os outros pensadores alemães nada contribuíram para melhorar o mundo, são todos depressivos, e Schopenhauer é o mais decadente de todos.

— Como que uma conversa pode virar de corrupção sistêmica para um nível tão alto do pensamento filosófico? Meu caro carcereiro, sua função aqui deve ser esta, distrair os condenados. Por um momento me esqueci totalmente que estou preso, sob a custódia de um estado além de corrupto, neofascista.

— Faço o que posso, minha intenção é tornar suportável sua "temporada no inferno".

— Vejo que você realmente andou lendo poetas relevantes, como Rimbaud. Assim, quem sabe teremos prováveis boas prosas durante o resto da minha pena.

Sem mais delongas, ambos saem para o pátio da prisão. O prisioneiro não tinha a menor noção do porte da unidade prisional para onde fora enviado. Ao chegar na área descoberta, o prisioneiro se deparou com uma cena cinematográfica. Várias cadeiras de praia, em volta de uma grande piscina, fazendo um círculo, todos os trinta prisioneiros, em regalo, como se fossem empresários em férias.

Ao lado direito, do outro lado da piscina, ele enxerga a enfermeira cuidando pessoalmente de um dos presos. Desta vez ela vestia um jaleco branco, com sandália e boné vermelho, mas sem a máscara.

Mas ele não consegue ver nitidamente o seu rosto. Não podia ir até ela, pois o carcereiro lhe indicou sua cadeira, numerada com o número 30, número de sua cela. Ele não podia circular na área de lazer, devia permanecer em seu lugar predefinido pela numeração da cela. O carcereiro sentou-se ao seu lado. A piscina era só para o encantamento dos olhos, nenhum preso poderia tomar banho nela. Como já dito, o banho era apenas de sol.

— Você, o que achou da área de lazer? Pergunta o carcereiro.

— Ainda não tenho uma impressão formulada, só espanto, você deve estar me gozando não? Isso é uma grande piada ou algum tipo moderno de tortura? Uma piscina para se contemplar, tenho minhas dúvidas quanto à intenção de nos fazer tomar banho de sol.

— Meu caro prisioneiro, penso que às vezes você se esquece da sua real situação. Isto é uma prisão modelo, não é qualquer prisioneiro pé de chinelo que é mandado para cumprir pena aqui. Veja, por exemplo, aquele senhor que está recebendo cuidados especiais da nossa enfermeira.

— Estou vendo, o que tem de especial com ele?

— Não o reconhece?

— Não. Apenas notei que tem barbas bem feitas. E se veste com roupa diferente dos outros presos.

— Pois bem, todo sábado nossa enfermeira apara sua barba, lhe dá banho e troca sua roupa.

— Por que só ele tem este tipo de mordomia?

— Vejo que você não tem total ciência dos fatos. Este senhor é ex-presidente, e além dele, temos outras personalidades políticas importantes, como senadores e até ministro de estado, todos condenados por corrupção.

— Realmente eu ainda não entendi por que estou preso junto com pessoas desta natureza. É de fato uma prisão especial, mas sempre achei que o atual governo não seria conivente com esta prática tão antiga em nosso país. Não por ser honesto, coisa que ele não é. Mas pensei que o fato de manter presos por corrupção em prisão especial com tratamento diferenciado fosse coisa do passado. Geralmente ditadores são mais inflexíveis quanto a aceitar suborno de políticos inimigos. Geralmente a corrupção, as benesses do estado são divididas apenas entre os seus aliados.

— Meu caro professor, sua inocência comove-me, não há este pudor entre homens públicos, sejam eles democratas ou ditadores confessos.

— Lembro-me de uma máxima que tem a ver com a teoria do caos. É assim que me encontro. Quando penso que já vi tudo, surge algo ainda pior.

— Não se iluda, tudo que está ruim pode piorar ainda mais. A escala do caos é infinita.

— Isso mesmo, você deve ter lido o mesmo autor que eu li. A teoria do caos, isso não é bem uma teoria, é um

fato. O miserável do Nietzsche formulou com sua própria vida, entrelinhas, esta filosofia da decadência humana, que ele deu o nome de eterno retorno.

— A impressão que tenho é que tanto ele como os outros pensadores alemães nada contribuíram para melhorar o mundo, são todos depressivos, e Schopenhauer é o mais decadente de todos.

— Como que uma conversa pode virar de corrupção sistêmica para um nível tão alto do pensamento filosófico? Meu caro carcereiro, sua função aqui deve ser esta, distrair os condenados. Por um momento me esqueci totalmente que estou preso, sob a custódia de um estado além de corrupto, neofascista.

— Faço o que posso, minha intenção é tornar suportável sua "temporada no inferno".

— Vejo que você realmente andou lendo poetas relevantes, como Rimbaud. Assim, quem sabe teremos prováveis boas prosas durante o resto da minha pena.

## Capítulo sete

No mundo exterior, de onde ele veio, as coisas estão cada dia mais difíceis para quem não apoia o atual governo. É ano de eleição, segundo o rito democrático antigo, quando se respeitava a democracia e a constituição, ele seria substituído, mas este ano todos os especialistas indicam que o aprendiz de ditador não vai respeitar a lei nem a constituição, pois aos poucos todos os direitos democráticos foram sendo cassados. No entanto, ainda existe um supremo tribunal de justiça que tenta manter a ordem e defender a constituição, porém cada dia fica mais evidente que este governo não está disposto a entregar a cadeira, caso venha a perder a eleição. A prisão longa a que foi condenado o nosso prisioneiro poderia ser revertida em perdão político, caso outro governo democrático assumisse o poder. A democracia foi roubada com várias atitudes nada republicanas durante os últimos anos deste governo. O povo foi tratado como lixo, a educação e a saúde perderam metade da verba que

recebiam em outros governos, além do desrespeito cruel com as pessoas vítimas da pandemia, que matou mais de 600 mil pessoas. Além de debochar dos mortos e dos seus parentes, o governo não comprou vacinas em tempo hábil e ainda incentivou a não vacinação. Desde o primeiro dia de governo, foi um fascista declarado, perseguindo e escrachando a imprensa que não se curva diante dele para o admirar ou para pedir favores. Além disso, usou religiosos afins como massa de manobra, como um exército digital espalhando mentiras e fake news. A fraqueza moral e espiritual desses religiosos, ovelhas sem pastor, tem favorecido a popularidade de um ditador confesso. Há uma tragédia anunciada que muitos ignoram, ou fazem vistas grossas, fingindo que não existe um real risco de se instalar a ditadura outra vez no Brasil. Não raro se escuta o próprio lunático dizer que a história pode se repetir. Todo dia 7 de setembro, o presidente faz eventos em Brasília e em São Paulo, ou no Rio de Janeiro, onde discursa para uma multidão de aleijados mentais que vibram com suas asneiras e piadas de cunho sexual.

Há no subterrâneo uma frente organizada importante dentro das forças armadas que dá pleno apoio ao atual

status de coisas no país. Não foi à toa que ele escolheu outra vez um general para ser seu vice.

Este país é uma ficção, uma invenção fútil do escritor desta obra, mas que pode ser reconhecida por qualquer leitor distraído. Há tantas coincidências com o Brasil atual, que será impossível, no futuro, não ser revelada a fonte em que nosso autor buscou sua inspiração para criar estes magníficos personagens. Vamos aguardar o desfecho da história, como será o seu final, que chave será usada para soltar nosso prisioneiro para a liberdade? Trata-se de uma metáfora, em que todos os oprimidos fazem parte dessa história, e compõem a alma do nosso prisioneiro.

Passou o dia com a mesma rotina, até que na segunda de manhã o trato de lhe trazer o jornal foi cumprido. Seguindo o mesmo rito, o carcereiro bate, e depois abre a porta. Dessa vez com seu café e um pacote, que aos olhos dos outros parecia uma encomenda dos correios.

— Bom dia, meu amigo. Diz o carcereiro com uma animação genuína.

— Bom dia.

— Pois é! Estou animado, sobretudo com o que você logo vai saber pelo jornal.

— Do que se trata?

— Tome seu café primeiro, depois veja com seus próprios olhos.

— Estou muito feliz, vou enfim saber sobre tudo que acontece lá fora.

— Tudo eu não sei. Mas uma boa parte, os jornais são capazes de reproduzir. Já a verdade nunca estará escrita em jornais. Vou lhe deixar com seu café e o seu jornal, aproveite os dois. Depois falamos sobre o que você achou das notícias.

— Tudo bem. Obrigado, muito obrigado.

O carcereiro vai embora, deixando seu novo amigo com a feliz expectativa de encontrar alguma boa-nova que possa afetar o seu futuro.

O prisioneiro abre o pacote e dentro dele encontra o jornal do dia. Na primeira página, uma chamada em negrito sobre as pesquisas para presidente. O lide\* da notícia dizia: "Pesquisa para presidente: Fulano 43% contra 29% de Cicrano."

Este candidato que está na frente na pesquisa é um político de esquerda, que tem uma história bem parecida com a sua. É um ex-presidiário político, que ficou preso por dois anos nesta mesma prisão. Segundo a história e os jornais, ele foi envolvido em uma trama pela própria "justiça do país", com o apoio da maior rede de TV do país, que o tirou de uma disputa eleitoral e o conduziu para a prisão. Com esta revelação mais óbvia do que imprevista, o leitor já percebe que ficção e realidade já não são assim tão distintas.

O prisioneiro já esperava, aliás ele já sabia, antes de ser preso, que seria assim. Esta eleição seria decisiva para libertar o país das mãos de um ditador que se dizia democrata e defensor da família e dos bons costumes, mas que aos poucos se revelou um déspota da pior espécie. E escrever um romance com este

enredo não é obra única desse autor. Não há nada de inédito nem de especial, a história será testemunha desses fatos, contudo engendrar uma história capaz de elucidar um enigma paralelo por meio de metáfora-poética é uma arte, que requer perícia literária e coragem intelectual.

Vamos acompanhar, em tempo real, o desenrolar desta história, dia a dia, por meio do jornal. O desfecho da história de um país que já foi modelo de democracia para o mundo, e que tem como provável futuro presidente, um ex-prisioneiro.

De posse da sua esperança rediviva, o prisioneiro agora pensa em resolver outro problema, que é saber de fato quem é a mulher de olhos azuis, da qual o carcereiro amigo pediu para não se aproximar. Então o que faria para chamar a sua atenção? Apertar a campainha de emergência? Isso seria meio constrangedor, uma vez que doente ele não estava. Mas se conteve, e enquanto isso o tempo ia passando mais naturalmente. O fato de ter acesso ao jornal diário e saber o andamento da campanha para presidente lhe sossegou o coração, diminuiu muito a sua ansiedade. Também não vamos cansar o leitor com uma rotina diária de uma prisão,

vendo apenas um carcereiro entrando e saindo para levar comida para um prisioneiro, do qual já temos todos os dados de sua prisão. Assim, será melhor dizer que a semana passou sem nenhum evento digno de nota.

Chegou o sábado, o dia em que o prisioneiro teria direito a outras duas horas de banho de sol. E desta vez o prisioneiro ia fazer de tudo para olhar mais de perto os seus colegas de prisão e, sobretudo, ia procurar um jeito de se aproximar da mulher enquanto ela desempenhasse o seu papel de enfermeira de luxo.

— Bom dia, companheiro. Diz o carcereiro, depois de entrar na cela com o café. - O dia está ensolarado. Espero que hoje, depois de tudo que aconteceu durante a semana, seu humor tenha melhorado.

— Bom dia. Já é sábado outra vez. Então vamos aproveitar o dia e tudo o que ele nos proporcionar. Se estivesse livre, com certeza hoje eu tomaria uma garrafa de vinho. Esqueço-me que parei de beber faz anos.

— Vejo que as notícias do mundo exterior, especialmente sobre a política, lhe fizeram muito bem.

— Como não? A pesquisa do último dia 13 deu 44 pontos contra 32, isto é vitória certa no primeiro turno. Como não confessar que sua amizade e generosidade trouxeram-me um fio de esperança? Estou muito confiante de que tudo pode mudar em breve, embora tudo esteja condicionado ao resultado da eleição.

— Eu fico contente em poder ajudar de alguma forma. Ter esperança é fundamental para permanecermos vivos.

Concordo com você. Não vou dizer, como muitos dizem: "Minha vida poderia ser melhor do que é." Na verdade, ela está bem melhor do que pensei; afinal, eu não seria quem sou sem os percalços que passei. Me veio à mente um poema incrível. Tem um tempinho, posso recitar pra você?

— Claro, pode recitar.

— É este:

E ENTÃO, QUE QUEREIS?

Fiz ranger as folhas de jornal  
Abrindo-lhes as pálpebras piscantes.  
E logo  
De cada fronteira distante  
Subiu um cheiro de pólvora  
Perseguindo-me até em casa.

Nestes últimos vinte anos  
Nada de novo há  
No rugir das tempestades  
Não estamos alegres, é certo,  
Mas também, por que razão

Haveríamos de ficar tristes?

O mar da história  
É agitado.  
As ameaças  
E as guerras  
Havemos de atravessá-las.  
Rompê-las ao meio,  
Cortando-as  
Como uma quilha corta  
As ondas.

1927

— Vladimir Maiakóvski, o Poeta da Revolução.  
Tradução de E. Carrera Guerra, 1987.

— Que poema! Eu não o conhecia... Depois quero ouvir um seu.

A conversa está boa, mas devemos ir ao banho de sol.

Vamos. Hoje eu vou tirar até a camisa, vou aproveitar esta regalia do estado.

Ambos saíram rindo da cela, como se fossem dois verdadeiros amigos.

O trajeto, por um túnel escuro, que da última vez a sua travessia pareceu uma eternidade; desta vez foi feito em segundos, com um piscar de olhos já estavam diante do sol, frente a uma manhã auspiciosa. Não seria nenhuma incoerência o leitor fazer uma analogia da prisão com a caverna de Platão. Sair para ver o sol, passando por um túnel escuro. Todo caminho em busca da luz é tenebroso e longo, mas quando se tem certeza de que a luz existe, a viagem se torna mais curta e tranquila.

Todo castelo construído nos sonhos é frágil. Sempre desmoronam com um toque de realidade, como castelos de areia em frente ao mar, não raro construídos por crianças distraídas. Sonhar é algo natural para todo ser humano e é um escape da realidade, seja ela dolorida ou prazerosa. Sonhar é um elixir poderoso que ninguém deve ignorar sua eficácia, mas como toda boa droga, é importante que se use com moderação. Contudo, quem se encontra privado de sua liberdade necessita mais do que outros se apegar ao sonho de que tudo pode mudar.

Ao chegarem na área de lazer, o carcereiro e o prisioneiro veem a mesma cena de cadeiras em volta da piscina, e dentro dela, apenas duas pessoas.

— Hoje tem gente dentro da piscina? - Pergunta o prisioneiro.

— É o que parece, mas veja quem são.

— Não é a sua colega enfermeira e aquele político importante?

— Sim, são eles mesmos.

— Faz parte dos privilégios, este banho na piscina?

— Ele tem problemas de mobilidade e tem que fazer tratamento na água quente. Não é nada do que está pensando.

— Eu não estou pensando nada, eu estou vendo uma falta de vergonha espantosa. Como que isso é possível, um tratamento especial apenas para este senhor, só porque é ex-presidente?

— Não é só por isso, creio que é de fato uma questão de humanidade, afinal, este senhor foi muito importante para este país. Penso que tudo isso tem respaldo legal, deve ter sido a justiça que determinou que fosse assim. Ele foi um grande presidente, e talvez seja por isso que ele tem certa regalia aqui na prisão.

— Se foi tão probo assim, por que está preso?

— Ah, meu amigo, acho que já lhe falei antes. Estar preso aqui por motivos políticos não significa necessariamente que a pessoa seja culpada. Há, como você bem sabe, várias maneiras de envolver, julgar e condenar alguém por questões ideológicas.

— Então você acredita na boa fé deste homem?

— Sim, é possível que seja inocente, afinal o mesmo aconteceu com você. Mas veja, hoje a mulher que você tanto admira está bem mais perto de nós, olhe a cadeira do ex-presidente, ela está aqui do seu lado, veja o número 13. A ordem das cadeiras sempre muda, de forma aleatória, para que todos possam interagir entre si, e hoje você deu muita sorte, vai poder conversar com ela.

— Vou aguardar eles saírem da piscina. Hoje o dia promete. Não te falei, mas vi no jornal que a campanha começou e que meu candidato salvador pode disparar durante a campanha. Li que o outro candidato está desesperado, apelando para Deus e para o diabo, apelando com toda forma de campanha rasteira.

Evite falar sobre isso aqui nesta área, temos muitos olhos e ouvidos atentos.

— Tudo bem, eu vou me conter. Se quiser pode ir tomar um café, eu quero ficar só com a nossa enfermeira de elite.

— Eu vou, mas não abuse da sorte.

Enquanto aguarda a mulher de olhos azuis, o prisioneiro reflete sobre sua situação. Pensa o quanto pode ser verdade tudo o que ouviu sobre o ex-presidente que tem como cuidadora alguém tão especial. Sendo verdade, que ele fora mesmo preso injustamente, como ele foi, isso por si só já lhes aproximam, sem contar com o elo que há entre ele e a mulher. Ela se estabelece como um elo entre os dois,

por isso é importante para ele esta conversa que pretende ter com ela hoje. Sendo ele de esquerda, do mesmo partido do seu candidato salvador, talvez por isso possa desenvolver alguma ligação importante através da mulher.

Ao sair da piscina, o homem não demonstra nenhuma dificuldade motora, anda como um velho, mas seus passos são firmes. Não aparenta ter nenhum problema físico, por isso, mais uma vez, o prisioneiro se inquieta com o que observa. Toda aquela dedicação da enfermeira. Ao se deitar na cadeira de praia, o senhor ex-presidente pede que a enfermeira distribua cerveja aos 29 detentos. Coisa que ela faz prontamente. Mas ao pegar a caixa térmica onde estavam as cervejas, ela sai pelo lado contrário, para fazer a volta em toda a piscina; desta maneira, o prisioneiro seria o último a receber, das suas mãos, a cerveja do ex-presidente. Com uma elegância nada servil, a mulher faz as vezes de uma garçonete e, ao entregar a vigésima nona garrafa, pode olhar frente a frente, sem máscara, o rosto agora menos sombrio do prisioneiro.

— Bom dia, professor. - Diz a mulher, estendendo a mão ao homem que se mostrava muito interessado em saber sua real função na prisão.

— Bom dia, minha cara. Como devo dizer, enfermeira ou carcereira? Se bem que hoje você também está como garçoneiro. Desculpe a brincadeira, não sou bom em fazer piadas.

— Tudo bem, professor, estou muito bem acostumada com esse tipo de gracejo.

— Por favor, desculpe-me, estou sem graça com você. Na verdade, não sei como me comportar na sua frente. Você é muito enigmática. Sua postura me confunde. Desde aquele dia em que nos conhecemos, tenho pensado muito em você.

— Os homens aqui sempre me confundem, mas isso não me afeta. Imagine o senhor, sendo eu a única mulher dentro da prisão, quantas coisas já vivi. Mas assédio eu não suporto, ainda bem que tenho a proteção desse senhor gentil, aquele que lhe mandou a cerveja.

— Proteção? Em que sentido?

— Em todo sentido, se não fosse ele, eu não teria como me sustentar neste emprego.

— Entendo, desculpe-me mais uma vez, eu não queria passar essa impressão. A de que estou interessado em você de outra forma.

— E de que forma o senhor está interessado em mim?

— Quero saber se você tem alguma ligação com o sistema que me pôs aqui. Essa sua ligação com esse preso importante, tudo isso me deixa muito confuso.

— Desculpe-me, senhor, mas como já lhe disse antes, nada posso falar sobre isso ou sobre qualquer outra coisa dessa natureza. Aceite um conselho. Viva a sua vida, procure se manter longe de encrenca. Aqui é um lugar muito incomum para ser apenas uma prisão. Basta olhar em volta para essa cena. Pelo menos, nesse sentido, o senhor tem razão.

Com isso, a mulher deixa o prisioneiro sem resposta, e mais uma vez o confunde ainda mais. Logo chega o carcereiro e diz:

— Como foi a conversa com a mulher misteriosa?

— Nenhum progresso, ela continua como uma pedra, não se abre comigo. Devo seguir seu conselho, esquecer este assunto. Se pelo menos meu interesse por ela fosse outro, talvez eu devesse persistir.

— E não é esse o seu interesse por ela? Como é que um homem pode ter interesse por uma mulher, sem ser sexual?

— Meu caro amigo, sua percepção sobre minha conduta está totalmente errada. Voltemos para a cela, devo me recolher à minha triste insignificância.

— Tenha calma, não deixe que isso lhe abale, conserve a alegria e a esperança. Depois, essa mulher não deve ter assim tanta importância. Ela é amiga do ex-presidente, que por sua vez é amigo particular do atual presidente. Isso você ainda não sabia. Talvez seja por isso que ela se comporta com tanta discrição.

— Este ex-presidente corrupto é amigo do atual presidente, isso não é novidade para mim. Mas ela não parece-me ser pessoa ruim.

— Pois é, quem tem amigo importante também se torna importante.

— Mas me pergunto, se este realmente é amigo do "imperador", então por que está preso? Amigo é aquele que foi condenado pelo STF, mas no outro dia recebeu o perdão presidencial, e olha que o cidadão atacou a democracia e agitou movimentos populares até com o uso de violência contra ministros do STF. Amigo é outra coisa.

— Voltemos à cena em volta da piscina. Que imagem significativa é esta? A mulher que distribui cerveja para todos os detentos em volta da piscina; o que lhe parece?

— Não parei para pensar.

— Veja bem, se estou certo, em um estudo freudiano ou lacaniano, o que tudo isso significaria?

Meu caro prisioneiro infeliz. Imagine que a mulher seja a democracia, o ex-presidente flerta com ela, mas se encontra num estado de repressão. O que ele pode fazer está de certa forma limitado a destruir cerveja em volta de uma piscina, em que nem todos podem usufruir plenamente da área de lazer. O fato de ser apenas uma cerveja, porção limitada, também indica que mesmo entre os privilegiados, o sistema atual não é muito promissor, uma vez que a democracia não consegue ser aplicada de forma igualitária e está comprometida a ser submissa a um sistema corrupto. A constituição não está segura sob a égide de uma justiça também vulnerável, com parte dos seus ministros sendo comandada por forças que não desejam nem trabalham por um bem geral.

— É possível, e às vezes eu penso que tudo isso é um grande pesadelo. Mas as coisas são muito reais para serem apenas um sonho. E sobre essa simbologia toda, eu não a compreendo. Você tem outra noção do mundo, parece que está bem conectado com essas filosofias humanas inúteis dos livros.

— Não se iluda, tudo é uma grande ilusão.

— Mas a ilusão quem faz somos nós. Tem gente como você, que não vive no mundo real. Acredito que pessoas assim criam um mundo onde tudo é perfeito. Eu prefiro a realidade caótica. Li, outro dia, que “viver bem é administrar o caos.”

— Está bem, temos que parar por enquanto com nossas conjecturas. A conversa está descambando para uma consulta psicanalítica.

Com isso, o carcereiro vai embora e deixa o prisioneiro sozinho com seus pensamentos e delírios. Ele não sabe o que fazer com o tempo que resta para viver na prisão; se este banho de sol não fosse apenas nos sábados, poderia pelo menos ver mais pessoas e, especialmente, rever a mulher de olhos azuis outras vezes. Sobre a mulher de olhos azuis, ele pode ter razão, ela pode ser apenas uma fantasia sua. É possível que o desejo de que uma mulher de fato apareça em sua cela, do jeito que ele imagina, com toda essa simbologia, seja mesmo uma miragem, um delírio de quem se encontra em desespero e solidão. Essa obsessão por ela não foi ainda revelada para o leitor; não sabemos a sua causa. Seu encantamento espantoso por olhos azuis, de onde vem isso? Nós ainda não sabemos nada ou quase nada

sobre a vida pregressa do nosso prisioneiro ideológico. Quem é realmente este homem? Que ideia podemos ter sobre ele? Como foi sua vida até este momento? Ele nunca falou sobre se tem ou não família. Família ele deve ter, ninguém vem ao mundo sem um pai e uma mãe. Este assunto ficará para depois; em uma hora qualquer, ele há de falar sobre sua origem e vida em liberdade.

## Capítulo oito

O tempo passa arrastado, se arrastou até que já é sexta-feira outra vez. A rotina não se alterou; nosso prisioneiro segue impávido e convicto de que em breve sua sorte vai mudar. Mas para isso acontecer, é preciso que a sorte de uma nação gigante, de um país inteiro, também mude. Ele segue acompanhando as pesquisas e cada dia se convence de que seu salvador será de fato eleito, caso não ocorra nada de sinistro, como um atentado. Falta um dia para que ele vislumbre a chance de falar novamente com a mulher de olhos azuis.

Durante a noite de sexta-feira, ele teve uma ideia que pretende pôr em prática após receber o jantar. Depois de comer, volta a ter uma boa conversa com seu amigo carcereiro, que ultimamente tem ficado mais tempo com ele após as refeições.

— Então, professor, gostou da sopa de brócolis? Agora toda sexta teremos sopa para o jantar.

— Gostei. Na verdade, não faz muita diferença ultimamente o que como ou deixo de comer. Já fui muito metódico com minha dieta, mas para um homem que se encontra como eu, comer para sobreviver é o que importa. Além disso, comer bem tem a ver com aproveitar e ter prazer na vida, portanto, comer bem estando preso, creio que não seria compatível.

— Sei não, meu amigo. Só sei que, por mais que eu tenha empatia, não posso mensurar o seu sofrimento nem entender seus sentimentos, quanto à situação que vive atualmente. Já me perguntei várias vezes e sempre esqueço de lhe perguntar. Você não tem família? Nunca vi alguém lhe visitar.

— Família? - O homem abaixa a cabeça e não consegue responder de pronto à pergunta feita. Depois de um bom tempo olhando para o chão, em profundo silêncio, o carcereiro lhe pergunta:

— Tudo bem? O que houve? Desculpe minha intromissão. É que pensei que pudéssemos conversar sobre isso.

— Tudo bem, não tem do que se desculpar. Sou eu, o problema. Já tive família. Mas hoje não tenho mais. Fui casado, não tive filho, graças a Deus. Minha mulher deixou-me faz muito tempo, logo quando me envolvi com política de forma indireta. Mas quando fiquei solteiro envolvi-me de forma bem direta. Tornei-me ativista, como você já sabe, e olha no que deu. Mas minha separação foi muito traumática, eu a amava de verdade, contudo nunca fui correspondido. Eu, no fundo, sabia, mas ignorava, até que ela usou como argumento meu envolvimento com a política para ir embora. Depois disso, não quis mais saber de mulheres, e acredite, isso já faz mais de 20 anos. Sobre a política, ela tinha razão, em parte, eu não devia ter entrado nisso, se bem que nunca fui candidato a nada, sempre trabalhei nos bastidores, sobretudo dentro da minha área de atuação, a educação.

— Lamento muito pelo fim do seu casamento. Mas foi uma escolha que fez, não foi?

— Sim, fui eu que escolhi isso. Mas isso já está no passado. Durante estes 20 anos, eu tenho focado em mim, tenho vivido uma vida um tanto egoísta, não

tenho interesse em questões românticas. Levo a vida de forma muito realista, acredito que o amor é uma grande invenção das mulheres e dos homens fracos. Penso que viver sozinho seja muito mais proveitoso para quem tem um objetivo superior, que seja individual, pessoal, ou em prol de uma coletividade. Para produzir algo de valor, o homem deve fugir das paixões.

— Puxa vida, parece que escuto o Nietzsche falando. Não seja assim tão dogmático. Existe algum sentido no amor. Como pode ser poeta com esta filosofia de vida?

O tempo passa arrastado, e mais uma sexta-feira chega. A rotina na prisão permanece inalterada; nosso prisioneiro segue impávido e convicto de que em breve sua sorte vai mudar. No entanto, para isso acontecer, é preciso que a sorte de toda uma nação gigante, de um país inteiro, também mude. Ele acompanha as pesquisas eleitorais e acredita cada vez mais que seu salvador será eleito, a menos que algo sinistro aconteça, como um atentado.

Falta apenas um dia para que ele tenha a chance de falar novamente com a mulher de olhos azuis. Durante a noite de sexta-feira, ele teve uma ideia que pretende colocar em prática após receber o jantar. Após comer, ele volta a ter uma boa conversa com seu amigo carcereiro, que tem dedicado mais tempo a ele ultimamente.

— Então, professor, gostou da sopa de brócolis? Agora toda sexta teremos sopa para o jantar.

— Gostei. Na verdade, não faz muita diferença ultimamente o que como ou deixo de comer. Já fui muito metódico com minha dieta, mas para um homem que se encontra como eu, comer para sobreviver é o

que importa. Além disso, comer bem tem a ver com aproveitar e ter prazer na vida, portanto, comer bem estando preso, creio que não seria compatível.

— Sei não, meu amigo. Só sei que, por mais que eu tenha empatia, não posso mensurar o seu sofrimento nem entender seus sentimentos quanto à situação que vive atualmente. Já me perguntei várias vezes e sempre esqueço de lhe perguntar. Você não tem família? Nunca vi alguém lhe visitar.

— Família? - O homem abaixa a cabeça e não consegue responder de pronto à pergunta feita. Depois de um bom tempo olhando para o chão, em profundo silêncio, o carcereiro lhe pergunta:

— Tudo bem? O que houve? Desculpe minha intromissão. É que pensei que pudéssemos conversar sobre isso.

— Tudo bem, não tem do que se desculpar. Sou eu, o problema. Já tive família. Mas hoje não tenho mais. Fui casado, não tive filho, graças a Deus. Minha mulher deixou-me faz muito tempo, logo quando me envolvi com política de forma indireta. Mas quando fiquei

solteiro envolvi-me de forma bem direta. Tornei-me ativista, como você já sabe, e olha no que deu. Mas minha separação foi muito traumática, eu a amava de verdade, contudo nunca fui correspondido. Eu, no fundo, sabia, mas ignorava, até que ela usou como argumento meu envolvimento com a política para ir embora. Depois disso, não quis mais saber de mulheres, e acredite, isso já faz mais de 20 anos. Sobre a política, ela tinha razão, em parte, eu não devia ter entrado nisso, se bem que nunca fui candidato a nada, sempre trabalhei nos bastidores, sobretudo dentro da minha área de atuação, a educação.

— Lamento muito pelo fim do seu casamento. Mas foi uma escolha que fez, não foi?

— Sim, fui eu que escolhi isso. Mas isso já está no passado. Durante estes 20 anos, eu tenho focado em mim, tenho vivido uma vida um tanto egoísta, não tenho interesse em questões românticas. Levo a vida de forma muito realista, acredito que o amor é uma grande invenção das mulheres e dos homens fracos. Penso que viver sozinho seja muito mais proveitoso para quem tem um objetivo superior, seja individual,

pessoal, ou em prol de uma coletividade. Para produzir algo de valor, o homem deve fugir das paixões.

— Puxa vida, parece que escuto o Nietzsche falando. Não seja assim tão dogmático. Existe algum sentido no amor. Como pode ser poeta com esta filosofia de vida?

— Simples, meu amigo. Ser poeta nada tem a ver com ser romântico. Os poetas são os maiores mentirosos ou, na melhor hipótese, quem mais finge. Não estou citando Fernando Pessoa, falo da minha própria seara, é o que tenho visto em todos os grandes poetas que estudei. Aliás, Nietzsche escreveu que todo pecado cometido por amor deve ser perdoado, mas ele é a síntese da contradição.

— Então não está falando de foro íntimo?

— Não. Para mim, este assunto não tem mais importância. Eu tenho evitado falar e até escrever sobre temas relacionados ao amor romântico, o mundo é muito mais do que duas pessoas viverem juntas, a vida não se resume a um casamento.

— Aos poucos vou conhecendo você melhor. Mais uma vez peço desculpas por ter provocado este seu desabafo.

— Não se preocupe, na verdade eu gostei bastante de ter falado sobre isso com você. Conversar é sempre a melhor terapia. Nesta prisão tão incomum, se fosse um clichê, teríamos rebelião e fuga de presos, contudo sendo obra única, teremos conflitos de outra natureza. Poucos personagens sugerem que não é um romance tradicional. O narrador que vos fala não tem pudor de invadir outros ambientes para expor nuances que o autor prefere revelar. Enquanto nosso prisioneiro dorme, como sustentar sua atenção, meu caro leitor? Quem se atraca com um livro espera encontrar dentro dele um espírito eloquente, alguém que possa lhe ensinar, entreter e, sobretudo, que este livro seja capaz de provocar no leitor vários sentimentos, como paixão, raiva, empatia e, em alguns casos, o livro pode transformar a mente do leitor, abrir em sua frente outros universos que ele desconhecia. Lemos em Kafka que um livro bom precisa quebrar o gelo em nós, ele tem como obrigação desconstruir paradigmas e nossos conceitos, a fim de edificar outros edifícios em nós. Não é sem motivo que Nietzsche diz que quando uma

mente se abre para outras possibilidades, para outra noção de mundo, é impossível voltar ao ponto em que estava

## Capítulo nove

Cedo, muito cedo, o prisioneiro acorda ansioso pelo banho de sol. São oito horas, e pontualmente chega o café. O carcereiro diz:

— Bom dia, mestre. Dormiu bem?

— Não muito. Mas estou inteiro para viver mais um dia. Como um alcoólatra, estou vivendo um dia por vez. E hoje espero que seja um dia bom, pelo menos razoável.

— Tome o seu café, que logo sairemos. Mas ao falar em alcoólatra, me veio uma pergunta: Por que deixou a cerveja intacta no último sábado?

— Você percebeu?

— Depois voltei lá e vi que você não tinha tomado.

— Mais uma longa história, não sei se temos tempo para ela agora.

— É você quem decide, eu posso ouvir antes de irmos ao pátio.

O carcereiro e o prisioneiro caminham para a área de lazer. A expectativa é boa, pois o prisioneiro espera rever a mulher de olhos azuis. Ao chegarem à beira da piscina, a cena está irretocável, com as mesmas cadeiras e os mesmos detentos. O ex-presidente fica ao seu lado esquerdo, algo estranho ou proposital do escritor para que ambos possam se olhar sem muito esforço. O carcereiro o deixa sozinho e vai falar com o diretor em sua sala de comando. Ele bate à porta e entra.

— Bom dia, diretor. Mais um sábado de rotina. E o senhor, já tem alguma novidade sobre meu caso?

— Ainda não, mas fique tranquilo. Eu pedi pessoalmente para que seu pedido seja prontamente atendido.

— Estou ansioso para que minha aposentadoria compulsória saia logo. Quero ir embora e cuidar da minha vida.

— A administração levará em conta todos esses anos de bom serviço prestado a esta unidade prisional. Já providenciei para que a enfermeira fique em seu lugar até que façamos um concurso para selecionar outro carcereiro para assumir seu lugar definitivamente.

— Obrigado. Peço que o senhor me mantenha informado diariamente sobre isso. Quero me preparar, não quero ser pego de surpresa, tenho que me despedir de algumas pessoas. Desejo que isso ocorra antes das eleições, quero ir para bem longe de toda essa confusão que se instalou no país.

— Creio que isso ocorra em breve, contudo não me surpreenderia se não saísse antes do resultado da eleição. Você sabe que tudo para durante esse período eleitoral. Tudo o que é servidor público passa a se dedicar apenas ao interesse do candidato do estado. Por isso, dizem os entendidos, que é muito difícil, quase impossível vencer o poder da máquina estatal. O governo no poder, que está concorrendo ao pleito, tem muito mais chances de vitória do que seus oponentes.

— O senhor acha que neste caso atual, será assim? Pode este governo ser reeleito, apesar de tudo que dizem os jornais? Sem falar nas pesquisas.

— Acredito e torço que isso aconteça. Não queremos os vagabundos vermelhos outra vez no poder, ou é isso ou o golpe será a solução definitiva.

— Você não concorda?

— Claro, senhor diretor. O senhor tem toda razão. Vamos esperar que não seja preciso usar a força para permanecer no poder. Se for pelo voto, será melhor para todos.

A conversa com o carcereiro e o diretor da prisão revela algumas informações sobre o caráter do carcereiro, mas não precisamos informar ao leitor esses detalhes. Está claro que ele não tem sido sincero com seu amigo prisioneiro, especialmente sobre querer se aposentar e sua ideologia política, o que torna sua hipocrisia óbvia. O leitor crítico e ansioso pode pensar: "Não estou interessado nisso, quero ver a cena da piscina."

Na área de lazer, a cena se alterou, e agora vemos o prisioneiro da cela 30 conversando com o ex-presidente, que está à sua esquerda.

— Quer dizer que o senhor é professor e acredita estar preso injustamente? - diz o ex-presidente.

— Acredito que no meu caso sim, fui preso por conta de uma armação política. Já o senhor, tenho minhas dúvidas.

— Contaram-me que você é um tanto arrogante quando defende a sua pseudo-inocência. - diz o ex-presidente, olhando para a enfermeira que escuta tudo sentada ao seu lado, deixando claro seu alto grau de cumplicidade com a mulher de olhos azuis.

— Pode ser que a arrogância tenha outro significado para o senhor e para os seus aliados, mas para mim, chamo de convicção. Minha defesa é justa. Se não sou culpado, não devo confessar um crime que não cometi. - responde o prisioneiro.

Com isso, o velho ex-presidente fica agitado, e a mulher interfere.

— Meu caro professor, esqueça essa discussão. Ela não leva a nada, e meu amigo aqui está com a saúde emocional abalada, é natural que fique nervoso quando alguém discorda dele. Peço que ignore tudo isso. Eu acredito na sua inocência. - diz a mulher olhando firmemente para o ex-presidente, que abaixa a cabeça.

— Tudo bem, percebo que ele não está em seu estado normal.

Os dois continuam a conversar como se estivessem a sós, ignorando o velho ex-presidente corrupto, que se acha também inocente. O crítico diria que ser ex-presidente e nada é a mesma coisa.

— Hoje não vai ter distribuição de cerveja? - pergunta a mulher para seu chefe imediato, que responde com a cabeça em sinal negativo, indicando que não haverá distribuição.

— Quer dizer que hoje não vai ter bebida de graça? O senhor levou muito a sério a minha conversa, se magoou por eu discordar com ele? - pergunta o prisioneiro para a mulher.

— Ele é assim, sempre muito temperamental. É comum a todos que um dia tiveram autoridade suprema. Mas isso passa logo, e ele volta ao normal e começa a distribuir os mimos para não perder seus amigos. Neste caso aqui, seus colegas de detenção. - Responde a mulher.

— Mas por que está interessado na cerveja de graça, se o senhor não bebeu no último sábado?

— Eu realmente não bebo mais, muito menos quando é de graça, vindo de fontes obscuras. Provavelmente fruto de dinheiro público.

— Não foi o que perguntei. E sobre a origem do dinheiro que paga a cerveja, pouco me importa, desde que seja distribuída de forma igualitária, para mim basta. Quero saber é por que o senhor não bebe.

— Desculpe-me, mas não fico à vontade para falar sobre isso, ainda mais em público. Se desejar vir

à minha cela, hoje à noite, eu terei quase um prazer em lhe contar por que não bebo mais.

— Quanto mistério! Não sei se posso, mas vamos ver.

“Vir à minha cela”, onde estou com a cabeça? pensou o prisioneiro.

— Eu estarei lá todo o tempo, não tenho nenhum programa para hoje à noite. - A mulher riu discretamente e saiu de perto do prisioneiro, voltando a cuidar do homem que parecia ser seu chefe na prisão.

Em seguida, o carcereiro retorna com semblante sombrio, demonstrando tristeza imprevista. Então o prisioneiro pergunta:

— Como foi sua conversa com o diretor, conseguiu o que queria?

— Ainda não tenho certeza, mas segundo ele, é provável que consiga ainda este mês atender o meu pedido.

— Do que se trata?

— Não posso lhe contar por enquanto. Vamos embora, já venceram as duas horas de lazer.

— Já? Hoje eu nem notei o tempo passar. Então vamos, quem manda é o senhor.

— Se passou rápido é porque foi bom. Ah, deixa eu te contar uma coisa. Hoje eu não vou levar tua janta. Vai ter um jogo importante na TV, e o diretor me pediu para estar presente. Todos os detentos estão convidados.

— Convidado não é obrigado, certo?

— Sim, não é obrigado, mas eu não vou poder trazer seu jantar na hora de sempre. Talvez consiga que outra pessoa, que não for assistir ao jogo, possa trazer.

— Tudo bem, eu não vou. Não estou afim de ver jogo na TV. Qualquer coisa eu fico sem comer. Não tem problema.

— Não seja tão dramático, eu vou pedir para minha substituta trazer em meu lugar.

— Tudo bem, não vejo nenhum problema.

Com essa conversa fiada do prisioneiro de que não estava preocupado nem interessado no assunto da substituição, o carcereiro foi embora, sem explicar para o amigo o seu mau humor. O carcereiro não parecia compartilhar da alegria momentânea do amigo.

A noite esperada chegou, e quem trouxe o jantar do prisioneiro foi a enfermeira. Enquanto os homens

berram assistindo ao jogo, encontramos os dois em uma animada conversa.

— Você realmente não gosta de futebol? - pergunta a mulher.

— Não a ponto de deixar de fazer uma coisa importante para ver um jogo.

— Então, hoje você tinha algo importante para fazer, por isso não foi com os outros homens assistir ao jogo?

— Digamos que eu tinha, pelo menos uma boa expectativa de que algo bom fosse acontecer.

— E aconteceu?

— Acredito que sim, pois ter você vindo à minha cela foi algo importante. Nunca temos tempo suficiente para uma conversa mais longa.

— Eu realmente não planejei isso, foi fruto do acaso.

— Já eu sim, de certa forma. Quando soube do jogo, disse que não iria junto com os homens. Mas a ideia de trocar a pessoa, no caso por você, para trazer a minha comida, foi do meu carcereiro. Talvez ele tenha inventado que seria obrigado ir ao jogo, só para que eu pudesse falar com você.

— Por que pensa assim?

— Não sei, mas acho que ele gosta de mim. Ele tem visto a minha quase obsessão por você. Digo, obsessão em conhecê-lo melhor.

— Não sei o que dizer, mas é bom saber que não sou apenas um número como os outros. É que alguém me enxerga como mulher. Mas devo lhe dizer a verdade. Não desejo ter algum tipo de relacionamento com alguém desta prisão. Que fique bem claro, não é porque você é detento. Tem outras coisas envolvidas, sobre as quais não posso lhe dizer no momento.

— Tudo bem, minha cara. Como disse antes, o que tenho é muita curiosidade sobre você e sobre o posto em que serve aqui na prisão.

— Não há nada de especial, nenhum terrível mistério sobre mim ou sobre o que faço aqui. Fui requisitada, do meu trabalho em um hospital público, por alguém muito importante para cuidar do ex-presidente. Uma vez aqui, me ofereci para ser carcereira substituta. Mas fiz isso mais por curiosidade do que por precisão.

— Penso que foi minha imaginação fértil, depois você há de concordar que este sistema não é comum. Os moldes desta prisão nunca foram pensados nem em livro. Acredito que nem mesmo Saramago pudesse conceber tal ficção. A fantasia que envolve sua pessoa

aqui é muito instigante. Você já se perguntou o que esses homens pensam sobre você, ou o quanto eles devem fantasiar com você, em suas celas à noite? Uma mulher do seu porte, servindo sozinha entre dezenas de homens, detentos e empregados da prisão?

— Não parei pra pensar.

— Pois devia. Você não acha que é até perigoso?

— Não tem perigo, sei me defender.

No início, eu pensei sobre isso, como que uma prisão pode funcionar sem nenhuma mão de obra feminina. Até na cozinha só tem homens trabalhando. Depois entendi que isso deve ser um modelo em todo o mundo. Mulheres não foram feitas para estarem presas, mesmo que seja trabalhando.

— Concordo plenamente com você. É justamente daí que vem o meu espanto, com sua presença aqui dentro. Às vezes eu penso que você não deve ser real. Mas hoje vejo que não está usando máscara, nem macacão masculino, como de outras vezes.

— Não, hoje foi uma emergência, eu preferi vir como estava.

O Leitor quer que descreva a mulher esta noite? Ah, use sua imaginação. O que podemos dizer é que, aos olhos do prisioneiro, ela estava mais encantadora. Com

os cabelos soltos, com um vestido lilás... Sobre a idade, isso não podemos revelar. Fica por sua conta.

— De qualquer forma, eu sou um privilegiado em ter sua companhia esta noite. Quero agradecer sua paciência e, sobretudo, por entender minha aflição em saber sobre sua vida - diz o prisioneiro, sem mais assunto que pudesse interessar a uma mulher tão especialmente estranha.

— Não tem problema, de certa forma eu também me distraí um pouco. Conversar com você, agora que tudo ficou esclarecido, foi um prazer. Agora eu tenho algumas perguntas, se não se importar em responder.

— Fique à vontade, o que quer saber?

— Não tem parentes, alguém para lhe visitar?

— Não. Os que eu tinha já não sabem da minha vida, depois eu não aceitaria receber nenhum deles nesta situação.

— Você me acha estranha? Um homem sem passado, sem amigos, sem família, não lhe parece inverossímil também? Mas soube que é professor e que também escreve poesia. Pode recitar um poema que seja fácil reconhecê-lo como autor?

— Posso, com prazer. Escute este, sobre a busca de sentido para muitas coisas da vida.

"SENTIDO, PRA QUÊ?

Sentido, qual é o sentido da vida, da morte,  
da guerra e da busca pela paz?

Cada vez que vejo, leio ou penso sobre  
a guerra e seus motivos fúteis, sobre os seus mortos,  
concluo que nada faz sentido: nem a vida, nem a morte,  
nem a guerra, nem a paz  
que nunca se alcança.

Depois de chegar a esta conclusão, o que um homem  
deve fazer?

Lutar pela paz, confortar com a esperança celeste os  
enlutados, vítimas das guerras inúteis e cruéis, ou  
calar

diante do absurdo diário  
ao perceber que ninguém se preocupa se outros  
genocídios estão em curso  
no oriente, ou se uma guerra nuclear pode nos  
exterminar a qualquer momento?

O que estamos fazendo aqui, seres racionais,  
expectadores passivos da nossa própria destruição?

As ideologias religiosas nada conseguiram para educar os homens no caminho da paz, da ética e da justiça, o que se vê são etnias se matando cada uma com um deus diferente, mas semelhantes em sua inutilidade.

Ainda é igual a barbárie teológica entre professores cristãos e muçulmanos, homens de QI elevado pregam a supremacia das raças, e proclamam o intelecto humano superior ao instinto animal.

Encontrar o sentido para a vida talvez seja apenas mais uma tentativa em vão ensinar as crianças que todos os homens são iguais, já que os homens não dão ouvidos, são instruídos, doutores em arrogância, todos são peritos em pregar a diferença entre pobres e ricos, negros e brancos.

Não compactuo com esta humanidade desumana e intolerante, quero o raiar da inocência das crianças, quero preservar o mundo perdido

onde o pão pode ser dividido em partes iguais,  
onde a flor não precisa ser arrancada para se  
presentear alguém  
como forma de demonstrar afeto."

Ao terminar de citar o poema, olhou para a mulher, direto nos seus olhos, e viu lágrimas discretamente descerem em sua face. Ela ficou afetada pelo poema e disse: — Obrigado, não imaginava que o senhor realmente fosse o grande poeta. Seu poema tem força e beleza, a mensagem é uma ode à dignidade humana. Eu fiquei muito feliz com esta descoberta.

— Eu que agradeço, não é fácil achar alguém que se interesse por poesia hoje em dia. Muito menos aqui, eu poderia supor que uma mulher iria parar para me ouvir citando um poema.

— Eu li, antes de vir trabalhar aqui, que Mandela sobreviveu 25 anos na prisão sem perder a lucidez nem a esperança por causa de um poema.

— É verdade. Penso que na prisão, um poeta poderia produzir uma grande obra. Mas eu me recuso a escrever aqui dentro. Há sempre um risco de se atribuir talento exagerado a quem está sob condições

desfavoráveis. As pessoas devem analisar uma obra sem levar em conta a situação em que ela foi escrita.

— Você deve saber que grandes obras foram escritas na prisão, como por exemplo: *Dom Quixote*, e *A balada da prisão* de Oscar Wilde, *Memórias do Cárcere* - escritas por Graciliano Ramos e outras, se não estou enganada.

— Não está enganada, muitos escritores talentosos não pararam de escrever mesmo estando presos. Mas eu não me considero um grande escritor nem bom poeta, só faço alguns rabiscos. Nunca publiquei um livro. Talvez o faça no futuro, se sair daqui. Pretendo ir morar no Chile, atualmente lá tem um governo democrático. Depois, isso é um sonho antigo, viver na cidade do Poeta Neruda.

— Com certeza fará. Desejo que seu sonho se realize em breve. Eu preciso ir embora, já é muito tarde.

— Tudo bem. Boa noite. Muito obrigado pela atenção. Cada vez que conversamos, abre-me uma fresta de esperança, como um fio de Ariadne.

O carcereiro e o prisioneiro

A noite foi agradável, a mulher foi embora tarde da noite, deixando o prisioneiro feliz e esperançoso. Essa noite foi marcante, memorável, suficiente para a

consagração de uma amizade entre uma mulher e um homem.

Na manhã seguinte, o carcereiro volta cedo a visitar o prisioneiro e traz o seu café.

— Bom dia, professor. Que noite agitada foi a de ontem. Depois do futebol, tivemos uma reunião com o diretor, quase não dormi nada. - diz o carcereiro, visivelmente cansado da rotina da prisão. — Mas conte-me como foi a sua noite.

— Foi ótima, como já esperava.

— Então, se divertiu um pouco com a enfermeira?

— Pare com isso. Ela é uma mulher respeitável. Não houve nada entre nós, nem haverá.

— Desculpe-me, esqueço-me que você é um homem muito discreto, incomum. Li no jornal de hoje que tudo está indo bem para o final da eleição esperado. Seu candidato deve mesmo ser vencedor.

— Estou contando com isso, se Deus quiser, tudo vai dar certo.

— Não ponha Deus nisso, ele não interfere nestes assuntos.

— Então, para que serve Deus, se não pode interferir nos nossos assuntos?

— Não acredita em Deus?

— Às vezes sim, às vezes não, como todo mundo.

— Pode explicar?

— Tem gente que quando tudo está bem, agradece a Deus, e quando tudo está mal, lhe pede ajuda. Já outros fazem o contrário. Quando tudo está bem, esquecem de Deus; quando tudo está mal, o amaldiçoam.

— Eu não sei em que perfil me enquadrar.

— Se tudo é obra de Deus, penso que sua obra ainda não está pronta. Muito sofrimento sem explicação. E não existe filosofia nem teologia que o explique perfeitamente. São todas leituras humanas.

Se tentamos explicar as coisas intangíveis como fé, Deus e espiritualidade, caímos no vazio das contradições. A razão, quando entra em conflito com os sentidos inexplicáveis, perde sua função, e tudo se reduz a nada, diante da nossa imensurável ignorância do todo.

Não podemos compreender o todo, somos parte de algo imenso, inconcebível ao ser humano, tão pequeno e frágil. A nossa concepção de mundo não pode sair do campo sensível. Podemos até sentir, e o sentido nos faz muito bem, mas quando tentamos explicar, o benefício de sentir nos foge, então surge o abismo da ignorância. Como poderíamos explicar a origem e a criação do universo, quando apenas intuímos parte deste

universo? Mesmo vivendo milhares de vidas, jamais alcançaríamos o entendimento de apenas uma galáxia, desta onde fica nosso maravilhoso planeta terra. Precisamos admitir que não temos respostas para tudo, menos ainda para as coisas que intuímos, como fé, espiritualidade e Deus.

Conservamos ideias tribais dos nossos ancestrais, com respeito às crenças. Fizemos Deus à nossa imagem e semelhança, e não raro persistimos neste erro - o de achar que somos donos da verdade, com isso reduzimos a nada as outras crenças de pessoas tão incapazes de compreender o todo, assim como nós. Concluímos que eles não sabem a verdade sobre a nossa verdade concebida ou herdada dos nossos pais.

Apesar de pequenos e imperfeitos, temos um grande privilégio. Não sabemos a razão, mas somos dotados de consciência, que nos ajuda a entender e discernir entre bem e mal, e isso, por si só, se formos humildes, humanos e inteligentes, reconheceremos como nossa maior virtude.

Portanto, de posse deste conhecimento, seremos capazes de viver e evoluir sem causar danos a nós mesmos nem ao nosso próximo.

— Preciso ir, meu amigo, este papo está ficando muito pesado, falamos outra hora.

Carcereiro vai embora mais uma vez. A conversa ficou muito complicada, e o carcereiro se mostrava mais lúcido sobre este tema, acreditar ou não que Deus pode e deve interferir nos assuntos humanos. O dia corre normal, sem anotações relevantes sobre o futuro do carcereiro. Depois da noite memorável que viveu, o prisioneiro guarda no inconsciente um desejo oculto sobre sua relação de amizade com a enfermeira. Quando tornaria a vê-la?

## O delírio

Durante a noite, não sabemos de que dia do mês corrente, o prisioneiro vai se deitar, seguindo seu ritual cético, de dormir sem fazer nenhum tipo de oração ou reza, comum a todos os condenados. Embora tenha passado o dia bem e esperançoso, sempre durante as noites ele tinha pesadelos, no entanto, nada do que sonhava durante as noites de calafrios, sendo torturado pelo carcereiro gentil, nada de fato aconteceu. Era tudo fruto da sua imaginação doentia. Contudo, desejos reprimidos sempre vêm à tona durante a noite, em sonhos ou em pesadelos - em alguns casos em forma de delírios. Lá por volta da meia-noite, ele acorda suado, queimando em febre. Pensa: O que fazer, quem chamar? Na cela, ele não tem nenhum tipo de remédio, o que irá fazer?

O leitor apressado, que espera que antes do final da história possa acontecer algo romântico entre o prisioneiro e a enfermeira, diz que ele deve apertar a campainha vermelha para pedir socorro à mulher

de olhos azuis. "Que diabos está acontecendo comigo? De onde veio esta febre e este calafrio? O que vou fazer, devo ou não apertar a campainha de emergência?" diz de si para si.

O Prisioneiro olha para a campainha acima de sua cabeça e não tem outra opção - ficar sofrendo o resto da noite sem saber a causa da sua doença repentina ou chamar o socorro devido da mulher de olhos azuis. Todavia, ele sabe que se a mulher vier ao seu encontro com a medicação certa, logo toda sua agonia passará. Talvez todos queiram a mesma coisa, a senhora e o senhor que ora assistem a esta história. Mas não se trata de um romance comum, onde lá pelo final do romance acontece o esperado por todos, o casal se entrelaça numa cama quente, onde esfriam suas almas ardentes de desejos.

O prisioneiro aperta o botão do socorro. Se fosse em um livro de Machado de Assis, isso não ocorreria. Alguém bate à porta, todos sabem quem é. A enfermeira entra e encontra o homem suado e delirando de febre e confusão.

— O que houve? Por que chamou-me?

— Estou doente, não tenho ideia de onde veio esta febre.

A mulher põe a mão na testa do homem febril e diz:  
— Realmente, você está mal, queimando em febre. Trouxe remédio, vou lhe dar um antitérmico, e aguardar meia hora, se não passar tomaremos outras providências.

A mulher pega um comprimido em sua bolsa de emergência, pega um copo de água em cima da mesa e põe na boca do moribundo o comprimido e a água. Ele bebe e engole junto o remédio, mas depois de meia hora, a febre persiste.

Depois de conferir a temperatura do homem, ela diz:  
— A febre não baixou, não tenho mais o que fazer. Agora é esperar o dia amanhecer para ver a possibilidade de chamar um médico. Se pelo menos tivesse como fazer compressa. Mas tem uma maneira de baixar a sua temperatura, é muito rudimentar, mas segundo o senso comum funciona.

— O que é? Pergunta o prisioneiro.

— Encoste-se mais na parede, vire-se de costas e tire a sua roupa.

O homem obedece prontamente, enquanto a mulher tira toda sua roupa e se abraça ao prisioneiro. Bastaram algumas horas para que a febre baixasse. Então, sem se virar para a mulher, o homem diz:

— Já estou me sentindo bem melhor, passou o calafrio, e pelo jeito não tenho mais febre.

— Sim, você está bem. Fique quieto, que vou levantar-me. Depois que me vestir, você pode se virar e vestir a sua roupa também.

A mulher se levantou e se vestiu, enquanto o homem continuava calado, paralisado, com tudo que acabou de viver.

— Pode se virar. Diz a mulher.

— Não sei como lhe agradecer.

— Não se preocupe com isso, agora devo ir embora, tentar dormir um pouco. Já está quase amanhecendo o dia.

Com isso, a noite se encerra, e o prisioneiro não tem palavras para medir seu grau de estresse emocional com tudo que aconteceu.

De manhã, volta o carcereiro com o café e diz:

— Como passou a noite?

— Ah, meu amigo, quase morri de febre e calafrios, ontem à noite.

— Como assim? Que febre foi esta?

— Do nada fiquei muito mal, então não tive escolha, chamei a enfermeira, apertei a campainha de emergência.

— Que emergência? Que enfermeira?

— A mulher de olhos azuis, a carcereira substituta.

— Que mulher? Você ainda está delirando!

O prisioneiro ignora o comentário do amigo, que logo vai embora. Ele sabe que tudo que viveu na prisão foi real. Mas a cena quase erótica, sensual demais para alguns, pode de fato ter ocorrido? Como Charles Bukowski a escreveria? Há um pudor irresistível que impede o escritor de ir mais longe na liberdade poética da qual pode lançar mão e fazer uso pleno. Assim o leitor tem mais liberdade para escrever ou reescrever a cena, da maneira que lhe convier, como deseja ler.

O final dessa história não deve agradar à maioria, sobretudo ao leitor comum, que não é escritor nem crítico literário que deve esperar um desfecho óbvio, com o final ideal, até agora de certo modo sugerido pelo autor. Mas em um realismo kafkiano, ou Machadiano, as coisas devem ser de outra maneira, diferentes do que pensa o senso comum. A cena da piscina foi exaustivamente explorada, as cenas na cela com o entre e sai do carcereiro também já cumpriram seu objetivo.

Mas o leitor já deve estar cheio de toda esta enrolação. Então, vamos ao final desta história.

Chegou o dia da eleição; o diretor liberou um sinal de rádio, um alto-falante para todas as celas, para que todos pudessem acompanhar a contagem dos votos. E o resultado foi o esperado, o candidato de esquerda ganhou a eleição por pequena maioria. Mas o governo atual não reconheceu a derrota e anunciou o golpe esperado por muitos dos seus aliados. Decretou o fechamento do congresso, mandou prender todos os ministros do STF e também mandou torturar todos os prisioneiros ideológicos, contrários ao seu novo regime.

Mas Ariadne, a musa de Apolo, que já esperava este desfecho, havia preparado a fuga do prisioneiro da cela de número 30. Não foi difícil a fuga dos dois, levando em conta que a enfermeira era também carcereira e tinha sob seu domínio as chaves da prisão. Então, na mesma noite do burburinho do golpe, os dois aproveitam para fugir para um país vizinho, onde ainda têm liberdade democrática e de expressão.

O final desta história permanece em aberto, permitindo que o leitor imagine o desfecho da fuga dos protagonistas e o que lhes reserva o futuro. Cada leitor pode preencher essas lacunas de acordo com sua

imaginação e perspectiva, tornando a história mais envolvente e pessoal.

Fim

Todo escritor que leva a sério seu ofício mais que sagrado, deve se comportar no mundo como um grão de areia. Não deve esperar que pessoas comuns reconheçam seu gênio criativo. Outra coisa é saber que sua obra sempre ficará inacabada, nunca seremos completos ou ficaremos satisfeitos com o que já produzimos.

A fonte de inspiração desta obra pode não parecer muito claro, para alguns, então veja as obras citadas e outras que não citei como o Processo de Kafka. Sobre eu usar, em tempo real, aspectos históricos da vida do país, sobretudo no contexto político, para compor este livro, não é novidade na literatura mundial, muitos escritores fizeram isso, como Dostoiévski, Tolstói e outros. Estas obras quando lidas hoje, pensamos que tudo foi obra de imaginação.

Evan do Carmo

O carcereiro e o Prisioneiro

Editora do Carmo  
editoradocarmo@gmail.com  
@evandocarmo

"O MEDO ACELERA O FRACASSO."

Nietzsche

## Deuses Mortais que Criam Mundos Extraordinários

Entre os homens comuns e os artistas, existe uma distinção profunda que transcende a simples prática de uma atividade criativa. Os homens comuns podem até se considerar poderosos, mas são os artistas, com sua capacidade de criar e transformar, que compreendem a verdadeira essência divina que habita em cada um deles. No entanto, eles têm ciência de sua mortalidade, o que os impulsiona a viver intensamente e a trazer ao mundo suas visões únicas e inspiradoras.

Os artistas são dotados de ferramentas especiais para moldar o mundo. Com pincéis, palavras, notas musicais e expressões artísticas, eles criam mundos inteiros que nos transportam para além do cotidiano. Suas obras de arte são janelas para novas dimensões, onde encontramos luz, amor, beleza e inspiração. Eles têm o poder de despertar emoções, provocar reflexões e tocar as fibras mais profundas de nossa alma.

A capacidade dos artistas de transfigurar a realidade é o que os eleva ao status divino. Eles têm a habilidade

de enxergar além do óbvio, capturando o essencial e transformando-o em algo extraordinário. Ao invés de apenas observar, eles interpretam o mundo e o recriam através de sua arte. Essa dádiva divina permite que compartilhem suas visões particulares do universo, enriquecendo o tecido da existência humana.

Contudo, a compreensão de sua mortalidade é o que impulsiona os artistas a agir com intensidade e paixão. A vida nem sempre é fácil e justa, e eles enfrentam essa realidade com ousadia e coragem. Para eles, a arte é mais do que uma profissão ou um hobby; é uma razão de ser, uma vocação que os consome de forma avassaladora. Eles se entregam completamente ao ato criativo, abraçando riscos e experimentações que muitos temeriam.

Esse compromisso apaixonado pode levá-los a parecer um tanto insanos para o mundo externo. Suas mentes fervilham com ideias e emoções que muitas vezes não podem ser compreendidas por todos. Eles abraçam a loucura criativa como uma fonte inesgotável de inspiração e não temem mergulhar nas profundezas do desconhecido.

No entanto, essa aparente loucura é apenas uma manifestação de sua busca incessante pela expressão autêntica. Os artistas não se contentam com a superficialidade do cotidiano; eles se permitem ser vulneráveis e expõem suas almas para o mundo. É através dessa entrega genuína que eles alcançam a autenticidade em sua arte.

Assim, a diferença entre os homens comuns e os artistas é vasta. Os homens comuns podem viver suas vidas de forma ordinária, alheios à magia que os artistas trazem para o mundo. Os artistas, por sua vez, têm a capacidade de criar mundos extraordinários e, apesar de sua mortalidade, agem com coragem e paixão em busca de uma conexão mais profunda com a vida e consigo mesmos.

No cerne dessa jornada, o artista compreende que a criação é um processo sagrado, capaz de transcender o tempo e o espaço. Sua arte ecoa através das eras, inspirando e tocando gerações futuras. Eles são deuses mortais, seres humanos que se permitem abraçar a chama divina dentro de si mesmos e compartilhar com o mundo a beleza e o poder de sua visão única. Através de sua criatividade, os artistas

enriquecem nossas vidas e tornam o mundo um lugar mais bonito para viver. Eles são os mensageiros da alma humana, conectando-nos com o eterno e recordando-nos a importância de nutrir nossa própria divindade interior. Portanto, celebremos esses deuses mortais que criam mundos extraordinários com sua arte imortal.

Evan do Carmo